

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Uma faca de dois gumes? As Atitudes face aos Papéis de Género e A Qualidade da Relação Amorosa: Um Modelo de Mediação Condicionada

Marlene Manuel

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Lopes, Professor Associado com Agregação,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Uma faca de dois gumes? As Atitudes face aos Papéis de Género e A Qualidade da Relação Amorosa: Um Modelo de Mediação Condicionada

Marlene Manuel

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Lopes, Professor Associado com Agregação,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

Agradecimento

Aos meus pais, por serem os alicerces sobre os quais estou a construir o meu caminho e o meu maior apoio.

À Beatriz Lebre, por ter sido uma inspiração durante os quatro anos que tive o prazer de ser sua amiga.

À Ana Rocha, a melhor amiga que o Iscte me poderia ter dado, por partilhar comigo todas as preocupações, inseguranças e conquistas ao longo destes cinco anos.

À Mafalda Campos, por me mostrar um lado mais bonito da “competição”, a amizade.

A todos os amigos e amigas do Iscte, pelos bons momentos e também pelos maus, pelas palavras amigas e por me aceitarem como sou.

Ao meu melhor amigo, Pedro, por todo carinho e força que me deu durante este último ano.

Ao professor Diniz, meu orientador, que nunca me deixou desistir e por me deixar mais animada no final de cada reunião.

A todos que neste ano acreditaram mais em mim do que eu própria. A vocês, o meu muito obrigado!

Resumo

As relações amorosas são centrais para a existência humana e contribuem positivamente para o funcionamento das diferentes áreas da vida adulta. Todavia, estas diferem em qualidade. O sucesso ou fracasso na construção de relações amorosas de alta qualidade pode moldar as trajetórias de bem-estar dos indivíduos ao longo da vida. Por isso, torna-se fundamental compreender que fatores podem estar associados a maior ou menor qualidade. As atitudes face aos papéis de género são um preditor da qualidade da relação amorosa. O presente estudo tem como objetivo estudar esta associação e analisar o compromisso no trabalho e na relação amorosa enquanto seu mecanismo explicativo, operacionalizado através do indicador de *match* versus *mismatch* do compromisso. Ademais, este estudo explora os ganhos relativos como variável moderadora. Uma amostra de 512 participantes respondeu a um questionário. Os resultados confirmam a associação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa, tal que quanto mais igualitárias forem as atitudes, maior é a qualidade da relação percebida. Ainda, a evidência empírica sugere que o match versus mismatch do compromisso medeia a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa e que os ganhos relativos condicionam esta mediação. A qualidade da relação amorosa só é tanto maior quanto maior for o mismatch para relação para os indivíduos que se encontram em relações amorosas em que ambos ganham o mesmo ou o homem ganha mais do que a mulher. As implicações teóricas e práticas são discutidas.

Palavras-chave: Atitudes face aos Papéis de Género; Match versus Mismatch do Compromisso, Qualidade da Relação Amorosa, Ganhos Relativos.

Códigos de Classificação:

2970 Sex Roles & Women's Issues

3000 Social Psychology

Abstract

Romantic relationships are central to human existence and positively contribute to the functioning of different areas of adulthood. However, these differ in quality. Success or failure in building high-quality romantic relationships can shape individuals' well-being trajectories throughout their lives. Therefore, it is essential to understand which factors can be associated with greater or lesser quality. Attitudes towards gender roles are a predictor of romantic relationship quality. The present study aims to study this association and analyze the commitment at work and in romantic relationship as its explanatory mechanism, operationalized through the match versus mismatch indicator of commitment. In addition, this study explores relative income as a moderating variable. A sample of 512 participants answered a questionnaire. The results confirm the association between attitudes towards gender roles and romantic relationship quality, such that the more egalitarian the attitudes, the greater the perceived relationship quality. Furthermore, empirical evidence suggests that the match versus mismatch of commitment mediates the relationship between attitudes towards gender roles and romantic relationship quality and that relative income shape this mediation. The romantic relationship quality is only greater the greater the mismatch for the relationship for individuals who are in romantic relationships in which both earn the same or the man earns more than the woman. Theoretical and practical implications are discussed.

Key Words: Attitudes towards Gender Roles; Match versus Mismatch of Commitment; Romantic Relationship Quality; Relative Income

APA Classification Codes:

2970 Sex Roles & Women's Issues

3000 Social Psychology

Índice

Agradecimento	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Introdução.....	1
Capítulo 1. Revisão da Literatura.....	7
1.1. Qualidade da Relação Amorosa	7
1.2. Atitudes face aos Papéis de Género e Qualidade da Relação Amorosa	9
1.3. O Papel Mediador do Compromisso no Trabalho e na Relação Amorosa	14
1.4. O Papel Moderador dos Ganhos Relativos.....	19
Capítulo 2. Método.....	23
2.1. Participantes.....	23
2.2. Procedimento	23
2.3. Instrumentos	24
2.3.1. Atitudes face aos papéis de género	24
2.3.2. Compromisso no trabalho e na relação amorosa.....	24
2.3.3. Qualidade da relação amorosa.....	25
2.3.4. Ganhos relativos	25
2.4. Variáveis de Controlo.....	25
Capítulo 3. Resultados.....	27
3.1. Análises Preliminares	27
3.1.1. Atitudes face aos papéis de género	27
3.1.2. Compromisso no trabalho e na relação amorosa.....	28
3.1.3. Qualidade da relação amorosa.....	30
3.1.4. Ganhos relativos	31
3.2. Análise de Correlações	31
3.3. Modelo de Mediação Condicionada	33

Discussão.....	37
Implicações Teóricas e Práticas.....	41
Limitações e Investigação Futura	42
Referências Bibliográficas	45
Anexos.....	55
Anexo A – Questionário	55
Anexo B – Resultados (Modelo 59)	67

Introdução

As relações são centrais para a existência humana (Finkel et al., 2017). Estas “têm um efeito poderoso sobre a felicidade e outros aspectos do bem-estar e são talvez a sua maior causa” (Argyle, 2001, p.71). Dentre as relações sociais, quiçá a mais importante é a relação amorosa. A evidência sugere que esta pode contribuir positivamente para o funcionamento e respetivo ajustamento das diferentes áreas da vida adulta (Robinson et al., 2020). Indivíduos numa relação romântica são subjetivamente mais felizes do que aqueles que não estão numa relação (Kawamichi et al., 2016). Todavia, as relações amorosas diferem em qualidade. Algumas são marcadas por amor, confiança, intimidade e suporte e outras não (Robinson et al., 2020). O sucesso ou fracasso na construção de relações amorosas de alta qualidade tem o potencial de moldar as trajetórias de bem-estar dos indivíduos ao longo da sua vida (Erikson, 1974). Ademais, a qualidade da relação amorosa aumenta a felicidade subjetiva dos indivíduos (Kawamichi et al., 2016). A importância destas evidências tornou-se ainda mais relevante com o confinamento devido à pandemia de Covid-19. Esta situação extraordinária não só colocou em xeque a saúde mental dos indivíduos, como também as suas relações. Indivíduos em relações amorosas de alta qualidade reportaram por um lado maior qualidade de vida, bem-estar e qualidade do sono e por outro menor sintomatologia depressiva, ansiedade e stress, em comparação com os indivíduos em relações amorosas de pobre qualidade ou sem relação (Pieh et al., 2020).

Dado que a qualidade das relações amorosas contribui para o bem-estar (Antonucci et al., 2001; Cohen & Wills, 1985; Kamp Dush et al., 2008; Roberson et al., 2018; Shek, 1995), saúde física e longevidade (Barr et al., 2013; Bulanda et al., 2016; Choi & Marks, 2013; Holt-Lunstad et al., 2008; Lawrence et al., 2019; McCabe et al., 1996; McPheters & Sandberg, 2010) dos indivíduos, torna-se fundamental compreender que fatores podem estar associados a maior ou menor qualidade. A qualidade da relação amorosa percebida abarca várias dimensões, incluindo a satisfação, o compromisso, a confiança, a intimidade, a paixão e o amor (Fletcher et al., 2000), que, por sua vez, estão associados a vários outros construtos, sendo as atitudes face aos papéis de género um deles. As crenças sobre os comportamentos, responsabilidades e atividades consideradas apropriadas para homens e mulheres (Eagly, 1987) podem moldar os *outcomes* da relação e, por isso, são um reconhecido preditor da qualidade da relação amorosa (X. Li et al., 2020). Este estudo tem como objetivo aumentar a nossa compreensão sobre a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa nos casais heterossexuais,

investigando a seguinte questão: Até que ponto as atitudes face aos papéis de género estão associados à qualidade da relação amorosa através do compromisso no trabalho e na relação amorosa, e isso difere dependendo dos ganhos relativos do casal?

O trabalho e a família são dois domínios importantes da vida adulta. Ainda que, geralmente, a família seja tida, pela maioria, como mais importante, os papéis tradicionais de género prescrevem diferentes ênfases para homens e mulheres. Os homens são socializados para serem orientados para o trabalho e as mulheres para serem orientadas para a família (Guttek et al., 1991). Contudo, as últimas décadas foram marcadas por relevantes mudanças sociais, das quais se destaca a entrada da mulher no mercado de trabalho, que moldaram a vida familiar e o género. Atualmente, predominam os casais de duplo rendimento (Minnotte et al., 2013), em que ambos os cônjuges trabalham e auferem um salário. Os resultados do inquérito do International Social Survey Programme (ISSP) sobre Família e Género, realizado em 2014, revelaram que Portugal encontra-se entre os países europeus com maior percentagem de casais em que ambos trabalham a tempo inteiro (71%; Wall et al., 2016). Igualmente, os contributos relativos de homens e mulheres para o rendimento familiar têm mudado substancialmente (Syda, 2020). Em Portugal, embora na maioria dos agregados familiares o indivíduo de referência (i.e., o membro do agregado com maior proporção de rendimento total líquido) seja um homem, dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) apontaram um aumento da proporção de famílias cujo indivíduo de referência era uma mulher: 41% em 2015/2016 face aos 36,8% em 2010/2011 (INE, 2017).

Apesar de as desigualdades de género persistirem e de as mulheres continuarem a ganhar menos do que os homens (Çineli, 2020), o movimento destas na força de trabalho e, conseqüente, incremento de casais de duplo rendimento, têm desafiado estereótipos tradicionais de género e questionado os significados que homens e mulheres atribuem aos seus papéis profissionais e familiares e de que forma, enquanto casal, devem gerir o seu tempo, energia e outros recursos nos domínios da família e do trabalho (Masterson & Hoobler, 2015). Noventa e quatro por cento dos portugueses consideram que ambos os membros do casal devem contribuir para as despesas da casa. A maioria dos inquiridos (78,2%) refere, ainda, o ideal da repartição equitativa de tarefas domésticas. Estes resultados do inquérito ISSP Family and Changing Gender Roles (2014) colocam em evidência novos ideais da vida familiar, pautados por uma maior partilha de responsabilidades entre homens e mulheres. No entanto, é de ressaltar as clivagens geracionais e de género observadas, com os mais jovens e as mulheres a terem atitudes mais igualitárias face aos papéis de género. Os escalões etários mais velhos

continuam a suportar o modelo tradicional, em que cabe ao homem o papel de “ganha-pão” e à mulher o de cuidar da casa e da família (Ramos et al., 2016).

As atitudes face aos papéis de género são um objeto a ter em consideração no estudo das relações interpessoais. Primeiramente, estas moldam o curso de vida dos indivíduos num conjunto de domínios importantes ao influenciarem a propensão destes para a exposição a determinados contextos sociais. Por exemplo, jovens adultos com atitudes igualitárias tendem a adiar o casamento e a paternidade (Cunningham et al., 2005). Concludentemente, é de ressaltar a sua influência no seio das relações amorosas. A evidência sugere que os homens com atitudes igualitárias face aos papéis de género reportam níveis superiores de felicidade (Kaufman & Taniguchi, 2006) e satisfação (Taniguchi & Kaufman, 2014) com a relação amorosa, comparativamente aos homens com atitudes tradicionais. Também as mulheres com atitudes igualitárias face aos papéis de género tendem a demonstrar níveis superiores de satisfação com a relação amorosa. Contudo, se os níveis de conflito trabalho-família forem elevados, as mulheres com atitudes tradicionais reportam maior satisfação do que aquelas com atitudes igualitárias (Minnotte et al., 2010). Tal vai ao encontro da linha de investigação que sugere que as mulheres com atitudes igualitárias têm maior probabilidade de sentir as desigualdades na divisão do trabalho doméstico como injustas (Greenstein, 1996). No entanto, os casais que consideram a partilha da responsabilidade do sustento da família tendem a dividir o trabalho doméstico mais equitativamente e a apresentar níveis superiores de satisfação com a relação amorosa (Helms et al., 2010), o que pode ser explicado pela promoção da proximidade e conexão com o/a parceiro/a quando este reporta atitudes igualitárias (Helms et al., 2019).

Seguindo esta linha de raciocínio, a investigação aponta para a associação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa, tal que atitudes mais igualitárias predizem níveis superiores de qualidade da relação amorosa (Aida & Falbo, 1991; Çetinkaya & Gençdoğan, 2017; X. Li et al., 2020; Rakwena, 2010; Xu & Lai, 2004). Todavia, existem resultados contraditórios. Alguns estudos revelam que as atitudes igualitárias relacionam-se negativamente com a qualidade da relação amorosa, principalmente, para as mulheres (Amato & Booth, 1995), justificando-o com o aumento do stress nas relações contemporâneas, quer pela perceção de desigualdades e, conseqüente, injustiça (Greenstein, 1996), quer pelo acrescido conflito trabalho-família (Rogers & Amato, 2000). Outros não encontram associação (Bowen & Orthner, 1983; Nourani et al., 2019). Por isso, a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa não está totalmente clarificada, nem os processos envolvidos nesta são compreendidos na íntegra (X. Li et al., 2020), especialmente, à luz das mudanças sociais mais recentes. Do que pudemos constatar do estado da arte, são poucos

os estudos recentes que analisam a relação entre estas duas variáveis. Considerando a volatilidade quer das atitudes face aos papéis de género (Reichelt et al., 2021), quer do significado de qualidade da relação amorosa (Nurhayati et al., 2019) e a sua adaptabilidade a diferentes realidades e contextos sociais, torna-se pertinente compreender a associação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa na atualidade. Assim, neste estudo analisamos esta relação e avaliamos o compromisso no trabalho e na relação amorosa enquanto mecanismo explicativo. Esta variável mediadora merece especial atenção dos investigadores por diversas razões, algumas delas já enunciadas. Em primeiro lugar, durante as últimas décadas, a participação das mulheres na força de trabalho e as expectativas de envolvimento dos homens nas responsabilidades familiares aumentaram consideravelmente, assim como o número de casais de duplo rendimento (Kelly et al., 2014). Como resultado, tanto homens, como mulheres estão envolvidos nas esferas do trabalho e da família, podendo se comprometer de igual modo com ambas ou privilegiar uma em detrimento de outra.

Em segundo, as atitudes face aos papéis de género guiam o envolvimento nos papéis familiares e do trabalho (Stertz et al., 2017). A natureza das relações íntimas tem vindo a modificar-se nas últimas décadas com cada vez mais casais a esforçar-se por alcançar relações igualitárias (Regan & Sprecher, 1995), nas quais os papéis de homens e mulheres são mais simétricos (Vanypere & Buunk, 1991). No entanto, os ideais culturais continuam a favorecer os papéis de género tradicionais (Jurczyk et al., 2019), responsáveis pela assimetria de género na ligação entre o compromisso nas esferas do trabalho e da família (Bielby, 1992). Por último, o compromisso pode ser considerado uma dimensão da qualidade da relação amorosa (Fletcher et al., 2000), pelo que a ligação conceptual entre as duas variáveis justifica a pertinência da análise da sua relação.

Adicionalmente, o presente estudo procura determinar se esta relação mediada é moderada pelos ganhos relativos do casal. Com a percentagem de casais em que o homem ganha o mesmo ou menos do que a mulher a aumentar, este torna-se um fenómeno importante de estudar (Heckert et al., 1998). Igualmente, os ganhos relativos são um tópico relevante para os estudos de género, porque eles próprios são um indicador do nível de igualdade na relação amorosa (Çineli, 2020).

Este estudo contribui para a literatura ao analisar a associação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa. Argumentamos e demonstramos que estas atitudes se relacionam com a qualidade da relação amorosa por meio do compromisso no trabalho e na relação amorosa e que esta relação é condicionada pelos ganhos relativos do casal. Investigação anterior demonstrou a associação entre as variáveis preditora e critério (e.g., Aida

& Falbo, 1991; Çetinkaya & Gençdoğan, 2017; X. Li et al., 2020; Rakwena, 2010; Xu & Lai, 2004), mas nenhum estudo até ao momento abordou o compromisso no trabalho e na relação amorosa enquanto mecanismo explicativo desta associação. Por isso, esta investigação tem um carácter essencialmente exploratório. Para além disso, utilizamos uma metodologia recente que permite conciliar num único indicador os domínios do trabalho e da família, oferecendo uma alternativa a outros modelos que avaliam a relação entre os dois (e.g., conflito trabalho-família) – o indicador de *match* versus *mismatch* do compromisso. Este indicador representa situações de equilíbrio e/ou desequilíbrio entre os níveis de compromisso relativo no trabalho e nas relações amorosas. Por fim, o presente estudo tem como objetivo não só contribuir teoricamente para a ciência, como também representar um valor acrescido para as questões de género, uma vez que a igualdade de género é considerada um dos pilares do desenvolvimento humano (Dotti Sani & Quaranta, 2017).

Revisão da Literatura

1.1. Qualidade da Relação Amorosa

A qualidade da relação amorosa é um conceito amplamente disseminado na literatura das relações interpessoais, despertando o interesse dos investigadores há pelo menos oito décadas (Delatorre & Wagner, 2020; Nurhayati et al., 2019). Oriundo do construto “qualidade conjugal” cunhado por Lewis e Spanier (1979), este tópico tem sido estudado sob diversos termos. Os primeiros estudos pertencem a Terman e colegas (1938) que avaliaram as diferenças entre casais felizes e infelizes. Desde então, muita investigação foi conduzida sobre o tema. Por exemplo, Hicks e Platt (1970) reviram estudos da década de 60 sobre felicidade e estabilidade conjugal. Segundo os autores, esta década foi marcada por um grande desenvolvimento na área. A década seguinte não foi diferente. De acordo com Spanier e Lewis (1980), foram publicados cerca de 150 artigos sobre qualidade conjugal nos anos 70. A década de 80 teve um progresso teórico modesto, mas metodologicamente fundou a evolução dos anos seguintes (Glenn, 1990), os quais viram publicados novamente muitos artigos abordando um vasto conjunto de tópicos relacionados com a qualidade da relação amorosa (Bradbury et al., 2000; Tavakol et al., 2017).

Embora a investigação sobre a qualidade da relação amorosa tenha um longo percurso percorrido, a nível conceptual carece de clarificação, dadas as inúmeras formas de explicar o conceito (Nurhayati et al., 2019). Para além disso, a qualidade da relação amorosa é um termo abrangente, pois abarca num único construto multidimensional um conjunto de variáveis tradicionalmente utilizadas que visam caracterizar as interações e o funcionamento das relações amorosas (Spanier & Lewis, 1980). Todavia, há pouco consenso sobre que terminologia usar, qual a definição e extensão dos conceitos e como devem ser medidos. Qualidade, satisfação, ajustamento e felicidade são algumas das expressões utilizadas indistintamente em muitos estudos (Delatorre & Wagner, 2020).

No presente estudo consideramos a definição de Spanier e Lewis (1980). Os autores definem a qualidade da relação amorosa como a avaliação subjetiva da relação entre casais num conjunto de dimensões e avaliações. Condizente com esta definição, para Fincham e Bradbury (1987), a qualidade da relação amorosa diz respeito aos sentimentos do casal que se refletem em avaliações subjetivas sobre a relação ou os parceiros. Ambas consideram a presença de avaliações subjetivas do casal sobre a relação, ou seja, trata-se da qualidade da relação amorosa percebida. Esta pode incluir diferentes dimensões, dentre as quais temos em conta a satisfação,

o compromisso, a confiança, a intimidade, a paixão e o amor (Fletcher et al., 2000). A satisfação refere-se à avaliação subjetiva global dos indivíduos sobre a qualidade da sua relação (T. Li & Fung, 2011). O compromisso compreende uma atitude sobre a continuidade da relação que é fortalecida pelos atos do próprio indivíduo ao investir tempo, esforço e recursos na relação (Lund, 1985). A confiança diz respeito a uma expectativa generalizada mantida pelo indivíduo de que pode contar com a palavra ou promessa do/a parceiro/a (Rotter, 1980). A intimidade refere-se aos sentimentos de proximidade, conexão e vínculo nas relações amorosas (Sternberg, 1986). A paixão tem que ver com os impulsos que levam ao romance, atração física, consumação sexual e outros aspetos relacionados (Sternberg, 1986). Por fim, o amor relaciona-se com a atração física, a predisposição para ajudar, o desejo de partilhar emoções e experiências e o sentimento de exclusividade e absorção (Rubin, 1973). Note-se que os critérios de qualidade da relação amorosa podem variar no tempo e no espaço, isto é, aquilo que define “uma boa relação amorosa” é sensível à evolução dos tempos e às diferentes culturas, bem como às mudanças nas sociedades (Nurhayati et al., 2019). Por exemplo, a crescente taxa de participação das mulheres na força de trabalho e, conseqüente, prevalência de casais de duplo rendimento (Minnotte et al., 2013), modificou a visão das pessoas acerca das relações entre homens e mulheres, incluindo o casamento.

Dado que a maioria das pessoas se envolve nalguma relação amorosa ao longo da sua vida, estas ocupam um papel central no desenvolvimento adulto (Delatorre & Wagner, 2020). Para além disso, as relações amorosas são a principal fonte de suporte social da generalidade dos casais, pelo que atuam como fator protetor contra mal-estares psicológicos e fisiológicos (Tavakol et al., 2017). Por isso, a qualidade da relação amorosa tem sido estudada e associada a vários fatores, como a saúde física e mental, a satisfação com a vida e o sucesso no trabalho. Por exemplo, Holt-Lunstad e colaboradores (2008) demonstraram que elevada qualidade da relação amorosa se pode associar a baixa pressão arterial, menor stress e depressão e maior satisfação com a vida. Ainda, Rogers e May (2003) verificaram que a qualidade da relação amorosa e a satisfação com o trabalho estão relacionadas a longo prazo, tal que o incremento da satisfação com a relação amorosa relaciona-se com o aumento da satisfação com o trabalho e o aumento da discórdia na relação relaciona-se com o declínio da satisfação com o trabalho.

A investigação também se tem debruçado sobre os fatores que influenciam a qualidade da relação amorosa, os quais podem ser agrupados em interpessoais e intrapessoais (Nurhayati et al., 2019). Os primeiros incluem, por exemplo, a comunicação (Ledermann et al., 2010), a situação económica da família (Hardie & Lucas, 2010), os comportamentos de manutenção da relação (Malinen et al., 2012) e a presença de crianças na família (Ahlborg et al., 2009). Os

segundos abrangem a personalidade (Claxton et al., 2012), a religiosidade (Ellison et al., 2010) e as atitudes face aos papéis de género (e.g., Xu & Lai, 2004).

1.2. Atitudes face aos Papéis de Género e Qualidade da Relação Amorosa

As relações amorosas compreendem as experiências e interações partilhadas entre os membros do casal que podem levar a diferentes impressões sobre a qualidade da relação (Beam et al., 2018). Nestas interações inevitavelmente são comunicadas expectativas estereotipadas de género capazes de modificar comportamentos. Ao conjunto destas normas e expectativas que impelem os indivíduos a se comportar de maneira consistente com os papéis masculinos e femininos prototípicos na sociedade dá-se o nome de atitudes face aos papéis de género (Eagly & Wood, 1999). Estas atitudes prescrevem características, comportamentos e atividades consideradas adequadas para homens e mulheres, inclusive em termos de papéis de trabalho e de trabalho doméstico (Nurhayati et al., 2019), e podem ser mais tradicionais ou igualitárias. Embora cada cultura tenha a sua própria perspetiva sobre os papéis de género (e.g., Stanik & Bryant, 2012), existem semelhanças interculturais (X. Li et al., 2020). De acordo com as atitudes tradicionais, o papel da mulher é o de cuidadora da casa e da família e o papel do homem é o de ganha-pão. Atitudes mais igualitárias apoiam uma divisão menos rígida de papéis, incluindo as crenças de que as mulheres devem contribuir economicamente para o rendimento familiar e os homens devem participar no trabalho doméstico (Stertz et al., 2017).

De acordo com a teoria do papel social (Eagly, 1987), os indivíduos desenvolvem expectativas sobre o seu próprio comportamento e o dos outros com base nas perceções que têm dos diferentes papéis sociais atribuídos a homens e a mulheres (Regan & Sprecher, 1995). Por outras palavras, as semelhanças e dissemelhanças de sexo no comportamento refletem crenças de papéis de género que, por sua vez, representam as perceções dos indivíduos sobre os papéis sociais de homens e mulheres na sociedade em que vivem. Tais papéis são repartidos de forma desigual entre sexos, por causa dos seus diferentes atributos físicos: por exemplo, geralmente, os homens são maiores, mais rápidos e têm maior força na parte superior do corpo e as mulheres dão à luz e amamentam os filhos. Consequentemente, certas atividades são mais bem desempenhadas por um sexo do que pelo outro, dependendo do contexto societal e cultural. Assim, as atitudes face aos papéis de género surgem da observação do comportamento feminino e masculino e respetiva inferência sobre as predisposições de ambos. Estas atitudes são perpetuadas pela tendência dos indivíduos em se comportar de maneira consistente com os

papéis de género e reforçadas pela socialização que promove traços de personalidade e competências que facilitam o desempenho dos papéis (Eagly & Wood, 2016).

No contexto das relações amorosas, as atitudes face aos papéis de género podem afetar os aspetos diádicos da relação e, até mesmo, influenciar os comportamentos e decisões do casal (Amato & Booth, 1995; Barber & Axinn, 1998). Nas relações igualitárias, os papéis de homens e mulheres são mais simétricos: os homens envolvem-se mais na família e as mulheres envolvem-se mais no trabalho, do que nas relações tradicionais. Tal deve-se ao facto de os indivíduos com atitudes igualitárias acreditarem que não existem diferenças essenciais entre os dois sexos, ao contrário dos indivíduos com atitudes tradicionais que creem existir disparidades nos papéis, deveres, necessidades e preferências de homens e mulheres (Vanypere & Buunk, 1991). Inicialmente, nas relações amorosas, atitudes que favorecem papéis de género mais tradicionais podem beneficiar a relação, ao promover a atração mútua e facilitar a perceção recíproca de que o outro é um/a parceiro/a potencialmente desejável (Ickes, 1993). Estas atitudes colocam os homens como iniciadores das relações, já que é esperado destes a iniciativa para convidar as mulheres para sair, pagar por encontros e pedir as parceiras em namoro e, posteriormente, em casamento (Lamont, 2014). Contudo, no decorrer da relação, estas atitudes podem potenciar falhas de comunicação relacionadas com o sexo (Ickes, 1993). Para além disso, o compromisso ideológico e comportamental com relações igualitárias é crescente (Lamont, 2014). Nas últimas décadas, a natureza das relações amorosas e as expectativas em relação ao casamento mudaram. Atualmente, o compromisso rígido com os aspetos institucionais do casamento é menor e os indivíduos estão mais atentos às suas necessidades individuais, procurando nas relações amorosas uma fonte de felicidade, realização pessoal, companheirismo, intimidade e satisfação sexual (Altrocchi & Crosby, 1989; Cherlin, 2020).

Como as atitudes face aos papéis de género têm mudado bastante nas últimas décadas, é relevante estudar a sua relação com a qualidade da relação amorosa. Contudo, investigação anterior tem fornecido resultados divergentes. Alguns estudos sugerem que as atitudes igualitárias podem ser nocivas para as relações amorosas. Rogers e Amato (2000) avaliaram a qualidade da relação amorosa de dois coortes, o primeiro de indivíduos casados entre 1964 e 1980 e o segundo de indivíduos casados entre 1981 e 1997, e verificaram que os participantes do segundo reportaram níveis superiores de discórdia em comparação com os do primeiro. Paralelamente, o coorte mais recente reportou atitudes mais igualitárias, maiores contribuições para o rendimento familiar por parte das mulheres, maior participação nas tarefas domésticas por parte dos homens, menos influência do homem na relação e mais influência da mulher. Para

além disso, neste coorte existiam mais mulheres com filhos em idade pré-escolar a trabalhar do que no coorte mais antigo. A discórdia na relação amorosa foi superior quando as mulheres tinham de lidar com as exigências trabalho-família, os parceiros tinham atitudes de gênero igualitárias, a divisão do trabalho doméstico era percebida como desigual e os homens faziam relativamente pouco trabalho doméstico. Todavia, apenas as exigências trabalho-família explicaram a diferença na qualidade da relação amorosa entre os dois coortes. As atitudes face aos papéis de gênero podem moldar o conflito trabalho-família sentido pelos indivíduos. Por exemplo, X. Li e colaboradores (2020) verificaram que quando as mulheres têm atitudes igualitárias face aos papéis de gênero, as atitudes tradicionais dos parceiros predizem níveis inferiores de qualidade da relação amorosa, via níveis superiores de conflito família-trabalho dos homens. Tal se pode dever à discrepância de expectativas de homens e mulheres em relação ao trabalho doméstico: mulheres com atitudes igualitárias esperam que os parceiros assumam mais responsabilidades familiares e homens com atitudes tradicionais esperam que as parceiras se responsabilizem por isso. Assim, as relações amorosas em que os indivíduos têm atitudes mais igualitárias podem ser mais complicadas de manter devido ao conflito trabalho-família (Rogers & Amato, 2000), principalmente, se as atitudes igualitárias não se traduzirem em relações igualitárias (Blaisure & Allen, 1995).

Seguindo esta linha de raciocínio, alguns autores focaram-se apenas nas mulheres, uma vez que é o sexo mais impactado com todas as transformações na família e no gênero que ocorreram nos últimos anos e o mais permeável à mudança de atitudes no sentido da igualdade de gênero (Ramos et al., 2016). Greenstein (1996) constataram que as mulheres com atitudes igualitárias percebem as desigualdades na divisão do trabalho doméstico como mais injustas do que as mulheres com atitudes tradicionais, e que essas percepções de injustiça estão mais fortemente relacionadas com a qualidade da relação amorosa para estas também. O estudo de Lavee e Katz (2002) corrobora estes resultados e acrescenta a noção de transição entre atitudes tradicionais e igualitárias. Os autores compararam três grupos étnico-religiosos - árabes muçulmanos, árabes cristãos e judeus -, com atitudes distintas face aos papéis de gênero - tradicionais, de transição e igualitárias, respetivamente - e observaram que a percepção de injustiça apenas medeia a relação entre as atitudes face aos papéis de gênero e a qualidade da relação amorosa entre mulheres árabes cristãs (atitudes de transição) e que estas reportam os níveis mais baixos de qualidade da relação amorosa. Para as mulheres judias (atitudes igualitárias), a divisão segregada do trabalho doméstico está direta e negativamente associada à qualidade da relação amorosa. Este resultado sugere que as mulheres com atitudes igualitárias esperam uma partilha mais equilibrada do trabalho doméstico nas relações amorosas de elevada qualidade e que,

independentemente da perceção de justiça, o simples facto de as responsabilidades familiares serem igualmente partilhadas é associado a avaliações mais positivas da qualidade da relação amorosa (Lavee & Katz, 2002).

Outros estudos suportam diferenças de género na relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa, com as mulheres com atitudes mais igualitárias a reportar menor qualidade da relação amorosa e o inverso para os homens. Por exemplo, Amato e Booth (1995) verificaram numa amostra longitudinal que mudanças nas atitudes face aos papéis de género no sentido da igualdade são acompanhadas por declínios gerais na qualidade da relação amorosa para as mulheres, traduzidos em menor felicidade, menos interação, maior discórdia, mais problemas e maior probabilidade de divórcio. Contrariamente, os homens que adotaram atitudes mais igualitárias entre 1980 e 1988 reportaram maior qualidade da relação amorosa nas dimensões de felicidade e interação. Os autores afirmam que as expectativas das mulheres quanto à divisão de papéis e à igualdade de género colocam maior stress nas relações amorosas e que este diminui quando os homens têm atitudes mais igualitárias também.

Uma outra linha de investigação sugere que atitudes mais igualitárias face aos papéis de género estão associadas a níveis superiores de qualidade da relação amorosa. Aida e Falbo (1991) concluíram que os indivíduos que se vêm a si mesmos como parceiros igualitários (i.e., com igual responsabilidade de contribuir para o rendimento familiar) se sentem mais satisfeitos com a sua relação amorosa do que os parceiros tradicionais (i.e., que atribuem a maior responsabilidade pelo rendimento familiar ao homem). Os resultados deste estudo também indicaram que os parceiros igualitários utilizavam menos estratégias de poder para alcançarem o que pretendiam na relação. Estas estratégias, utilizadas sobretudo pelas mulheres, estão associadas a relações desequilibradas em termos de recursos, quer materiais, quer imateriais, e manifestam-se, principalmente, sob a forma de comportamentos de controlo coercivo (e.g., criticar e rebaixar). Os casais igualitários tendem a partilhar o poder de forma mais igualitária, o que se reflete positivamente na harmonia conjugal e atenua a discórdia na relação (Xu & Lai, 2004). Resultados semelhantes foram encontrados por Rakwena (2010), que verificou que os indivíduos que reportaram níveis mais elevados de atitudes igualitárias também reportaram níveis superiores de satisfação com a relação amorosa e intimidade. Segundo o autor, estes resultados dão a entender que a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa se deve à proximidade emocional, social, sexual, intelectual e recreativa que indivíduos que se sentem iguais ao/a parceiro/a na relação tendem a experienciar. Helms e colegas (2019) acrescentam que ter uma relação com um/a parceiro/a cujas atitudes face aos papéis de género são igualitárias é um fator protetor da relação na medida em que os indivíduos

se sentem emocionalmente mais conectados com os parceiros e sentem-nos mais afetuosos, avaliando as relações mais favoravelmente. Para os homens com atitudes igualitárias, em particular, a relação amorosa é sentida como mais justa (Kaufman & Taniguchi, 2006) e, como provavelmente não serão prejudicados por ideais de igualdade, tendem a ver benefícios nas relações igualitárias (Taniguchi & Kaufman, 2014).

Apesar de existirem resultados contraditórios na literatura, isso não retira validade às diferentes explicações que justificam a direção da relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa. Ao invés, é necessário ter em consideração alguns aspetos na análise do estado da arte. Em primeiro lugar, o contexto no qual a relação amorosa ocorre deve ser tido em conta (Kaufman & Taniguchi, 2006). De acordo com o modelo da revolução de género, a crescente adoção do igualitarismo pela sociedade será acompanhada por maior formação de relações amorosas, fertilidade e estabilidade das uniões (Goldscheider et al., 2015). Este modelo, desenvolvido para compreender a evolução do comportamento familiar, sugere a divisão das mudanças demográficas em duas fases. Na primeira fase, a discrepância entre o progresso das mulheres na esfera pública e o comportamento tradicional que se mantém na esfera privada é responsável pela instabilidade familiar e o declínio da fertilidade. Na segunda fase, à medida que as atitudes igualitárias face aos papéis de género são adotadas pela maioria da população, uma mudança comportamental e institucional que suporta a igualdade de género em casa e no trabalho é expectável e, conseqüentemente, espera-se o retorno de relações estáveis e o aumento da fertilidade (Pessin, 2018). Em segundo lugar, devemos considerar que as atitudes igualitárias podem não se traduzir em comportamentos igualitários na relação (Blaisure & Allen, 1995). Relações verdadeiramente igualitárias são difíceis de construir e de manter, requerem constante negociação e compromisso, principalmente, porque são raras e não existem modelos de relações igualitárias que os indivíduos possam tomar como referência (Carlson et al., 2016; Klute et al., 2002). Por fim, e indissociável dos dois aspetos anteriores, as atitudes igualitárias dos homens são mais importantes para a qualidade da relação amorosa do que as das mulheres (Vannoy & Philliber, 1992), porque estes têm sido mais resistentes à mudança de atitudes (Ramos et al., 2016). Segundo Blaisure e Allen (1995), os homens têm de crer na igualdade de género para as mulheres experienciarem melhorias na relação.

Assim sendo, a literatura não nos permite afirmar com certezas a direção da relação entre as duas variáveis, embora os resultados do inquérito ISSP Family and Changing Gender Roles (2014) apontem para a crescente adoção do igualitarismo pela população portuguesa e, por isso, seja de esperar que os indivíduos com atitudes mais igualitárias reportem níveis superiores de

qualidade da relação amorosa. Ademais, as recentes mudanças institucionais, advindas de políticas públicas e legislação progressivas (e.g., Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030), têm criado condições para abrir as mentes dos portugueses. No entanto, as mulheres continuam numa posição desvantajosa nas esferas familiar e profissional comparativamente aos homens (Amâncio & Santos, 2021). Neste contexto, propomos a seguinte hipótese:

Hipótese 1: As atitudes face aos papéis de género estão associadas à qualidade da relação amorosa.

1.3. O Papel Mediador do Compromisso no Trabalho e na Relação Amorosa

Dada a prevalência de casais de duplo rendimento, cada vez mais homens e mulheres conciliam papéis familiares e de trabalho (Perrone et al., 2009). Investigação anterior demonstrou que o conflito trabalho-família medeia a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa. Yoo (2021) constatou que os homens com atitudes mais igualitárias experienciaram níveis inferiores de conflito da família no trabalho e, por sua vez, reportaram níveis superiores de satisfação com a relação. Tal se deve ao facto de os homens com este tipo de atitudes estarem naturalmente mais predispostos a partilhar as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos com as suas parceiras. Estes resultados vão ao encontro dos de X. Li e colaboradores (2020), já mencionados. Se os homens tiverem atitudes tradicionais irão esperar que as parceiras se responsabilizem pelo trabalho doméstico, o que em mulheres com atitudes igualitárias irá repercutir em níveis superiores de conflito da família no trabalho e, por seu turno, níveis inferiores de qualidade da relação amorosa, por estas esperarem dos parceiros o contrário, que as tarefas sejam partilhadas. Minnotte e colegas (2010, 2013) abordaram o conflito-trabalho de uma outra perspetiva, trocando-o de lugar com as atitudes face aos papéis de género. Os autores verificaram que as mulheres com atitudes mais igualitárias e níveis superiores de conflito do trabalho na família reportaram níveis inferiores de satisfação com a relação (Minnotte et al., 2010) e que o conflito da família no trabalho dos homens está associado a menor satisfação com a relação para os homens com atitudes mais igualitárias e para as suas parceiras (Minnotte et al., 2013). Nos dois casos, as atitudes face aos papéis de género moldam como o conflito trabalho-família é sentido pelos indivíduos e como se reflete na qualidade da relação amorosa.

O conflito trabalho-família diz respeito ao conflito entre os papéis do trabalho e da família, cujas pressões e exigências são reciprocamente incompatíveis. Este conflito é bidirecional, podendo surgir da influência do trabalho na vida familiar ou da interferência da vida familiar no trabalho (Greenhaus & Beutell, 1985). O conflito do trabalho na família ocorre quando o papel do trabalho interfere na participação no trabalho doméstico e dificulta o desempenho das responsabilidades familiares. O conflito da família no trabalho surge quando as exigências familiares limitam o desempenho das tarefas profissionais (Voydanoff, 2005). O conflito trabalho-família é uma das abordagens mais utilizadas na literatura para o estudo da relação entre as dimensões do trabalho e da família. Todavia, trata as duas de forma separada (i.e., como uma interfere com a outra). No presente estudo, optámos por analisar a relação entre as esferas profissional e familiar de forma unitária, centrando-nos no compromisso no trabalho e na relação amorosa. Para tal, utilizámos um indicador designado match versus mismatch do compromisso, à semelhança de outras dissertações de mestrado (Carvalho, 2017; Pina, 2019).

O indicador de match versus mismatch do compromisso descreve uma situação de equilíbrio e/ou desequilíbrio entre os domínios do trabalho e das relações amorosas, na qual os indivíduos podem estar : (a) tão comprometidos no trabalho como na relação amorosa (i.e., equilíbrio ou match), (b) mais comprometidos no trabalho do que na relação amorosa (i.e., desequilíbrio ou mismatch para o trabalho) ou (c) mais comprometidos na relação amorosa do que no trabalho (i.e., desequilíbrio ou mismatch para a relação amorosa). Este indicador fundamenta-se no Modelo de Investimento de Rusbult (MIR; 1980, 1983). O MIR é uma das teorias do compromisso nas relações amorosas mais proeminente, influente e robusta (Tran et al., 2019). Embora primeiramente desenvolvido para as relações amorosas (Rusbult, 1980) e, posteriormente, aplicado ao contexto do trabalho (Farrell & Rusbult, 1981; Rusbult & Farrell, 1983), o MIR tem sido estendido a outras áreas como, por exemplo, o uso de páginas da Internet (D. Li et al., 2006), os comportamentos ecológicos (Davis et al., 2011), as relações mentor-mentorado (Gettings & Wilson, 2014), os jogos online (Odrowska & Massar, 2014), o desporto (Schmidt & Stein, 1991) e os sites de encontros (Sharabi & Timmermans, 2020).

O MIR tem por base a Teoria da Interdependência (Kelley & Thibaut, 1978), a qual sugere que as relações interpessoais assentam na maximização dos ganhos e na minimização dos custos a elas associados (Le & Agnew, 2003). Esta teoria procura descrever a forma como a estrutura de interdependência de resultados molda a motivação e o comportamento nas díades (Agnew et al., 1998). Por outras palavras, os autores afirmam que nas interações e relações interpessoais os resultados de um indivíduo dependem das ações do outro. Entenda-se por resultados as consequências das interações (Johnson & Johnson, 2005), as quais podem ter uma valência

positiva ou negativa para o indivíduo, efeito da comparação entre os ganhos recebidos e os custos incorridos da relação (Le & Agnew, 2003). Os ganhos dizem respeito aos prazeres, contentamentos e gratificações experienciados pelo indivíduo e os custos são os fatores que inibem o seu comportamento ou lesam a relação (Thibaut & Kelley, 1959, citados por Rusbult & Buunk, 1993). Os resultados são depois comparados a um padrão ou expectativa pessoal do que constitui resultados aceitáveis, a que se dá o nome de nível de comparação (Le & Agnew, 2003). O nível de comparação dos indivíduos é determinado pelas suas experiências anteriores e pelo contraste com relações entre outras pessoas (Tran et al., 2019). Quanto melhores forem os resultados da relação (i.e., maior satisfação) e piores os de relações alternativas (i.e., menor qualidade das alternativas) maior é o nível de dependência, isto é, mais necessário é o envolvimento na relação para o bem-estar próprio dos dois indivíduos em interação. A dependência, conceito-chave da Teoria da Interdependência, é um estado estrutural que define o grau em que um indivíduo precisa de uma relação. O compromisso é a experiência subjetiva dessa dependência (Agnew et al., 1998).

O compromisso é caracterizado pela intenção de permanecer na relação, vinculação psicológica ao/à parceiro/a e orientação de longo prazo para o relacionamento (Rusbult & Buunk, 1993). De acordo com o MIR, o nível de compromisso com o/a parceiro/a e com o próprio relacionamento determina a decisão de manter ou terminar a relação amorosa e é influenciado pela satisfação, pela qualidade das alternativas e pelo grau de investimento na relação. Os dois primeiros antecedentes derivam da Teoria da Interdependência e Rusbult (1980) acrescentou o terceiro, o qual deu nome ao seu modelo. A satisfação diz respeito à avaliação subjetiva da positividade ou negatividade relativa que o indivíduo experiencia na relação. A qualidade das alternativas descreve a desabilidade percebida da melhor alternativa à relação, incluindo todas as situações externas à mesma (e.g., estar sozinho/a, estar noutra relação). O grau de investimento corresponde à magnitude e importância dos recursos associados à relação, quer intrínsecos (e.g., partilha de informação íntima, esforço colocado na relação, tempo dedicado ao outro), quer extrínsecos (e.g., amigos em comum, bens materiais adquiridos conjuntamente). Estes recursos que se perdem em valor ou no seu todo se a relação terminar explicam porque as relações persistem e sobrevivem à satisfação oscilante e às alternativas tentadoras (Rusbult et al., 2006). Assim, de acordo com o MIR, o compromisso é maior quando a satisfação com a relação é maior, as alternativas são percebidas como tendo menor qualidade e o grau de investimento é elevado (Rodrigues et al., 2011).

O MIR foi aplicado ao contexto do trabalho por Farrell e Rusbult (1981). De acordo com Rusbult e Farrell (1983), o compromisso no trabalho diz respeito à probabilidade do indivíduo

permanecer no seu trabalho e sentir-se psicologicamente vinculado ao mesmo. À semelhança do compromisso na relação amorosa, o compromisso no trabalho é influenciado pelos ganhos e custos (satisfação) associados à função, pela qualidade das alternativas e pela magnitude do investimento do indivíduo no trabalho (Farrell & Rusbult, 1981). A satisfação corresponde ao grau em que o indivíduo avalia positivamente o seu trabalho (i.e., mais ganhos do que custos). A qualidade das alternativas descreve a desejabilidade percebida de outras ofertas de trabalho ou de não trabalhar. Os investimentos no trabalho incluem os recursos que lhe são intrínsecos (e.g., anos de serviço, formação específica para a função) e os extrínsecos (e.g., colegas de trabalho). O compromisso no trabalho é tanto maior quanto maior for a satisfação e grau de investimento e menor for a qualidade percebida das alternativas ao trabalho (Rusbult & Farrell, 1983).

Tanto quanto sabemos, não existem estudos que tenham examinado o papel mediador do compromisso no trabalho e na relação amorosa na relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa. Ademais, o indicador de match versus mismatch do compromisso é recente na literatura e carece de estudo, em particular, no âmbito das relações amorosas. Todavia, evidência empírica sugere as associações entre (a) as atitudes face aos papéis de género e o compromisso no trabalho e nas relações amorosas e (b) o compromisso no trabalho e nas relações amorosas e a qualidade da relação amorosa.

De acordo com a perspectiva dos papéis de género, os papéis do trabalho e da família são tradicionalmente específicos de género. Por outras palavras, as atitudes tradicionais face aos papéis de género predizem a centralidade díspar destes papéis na vida de homens e mulheres (Gutek et al., 1991). Os homens com atitudes tradicionais são mais preocupados com o papel do trabalho e as mulheres com atitudes tradicionais são mais focadas no papel da família (X. Li et al., 2020; Parasuraman et al., 1992), refletindo-se no seu envolvimento em ambas as esferas (Mauno & Kinnunen, 2000). Huffman e colegas (2014) verificaram que os homens com atitudes tradicionais face aos papéis de género reportaram gastar mais horas no domínio do trabalho e menos no cuidado da família. Contrariamente, Corrigan e Konrad (2007) constataram que as mulheres com atitudes tradicionais apresentaram menos horas de trabalho do que as mulheres com atitudes igualitárias. Estes resultados corroboram as descobertas de Cinamon e Rich (2002). Os autores estudaram três perfis de trabalhadores quanto à importância dada aos papéis do trabalho e da família: (a) indivíduos que atribuíram tanta importância a um papel como ao outro (perfil “Dual”), (b) indivíduos que atribuíram muita importância ao papel do trabalho e pouca importância ao papel familiar (perfil “Trabalho”) e (c) indivíduos que atribuíram muita importância ao papel da família e pouca importância ao papel do trabalho (perfil “Família”).

Dos três, mais mulheres do que homens encaixam no perfil “Família” e mais homens do que mulheres se enquadram no perfil “Trabalho”. Cinamon e Rich (2002) não encontraram diferenças de género no perfil “Dual”. O mesmo é esperado em relação ao compromisso no trabalho e na relação amorosa, considerando uma definição lata e inclusiva do conceito de família, em que relação amorosa e família podem ser consideradas equivalentes (Miller, 2016). Dado que tradicionalmente as mulheres se identificam ligeiramente mais com a família do que com o trabalho e o inverso para os homens (Bielby, 1992), acreditamos que entre indivíduos com atitudes tradicionais face aos papéis de género os homens reportem mais compromisso no trabalho e menos na relação amorosa (i.e., mismatch para o trabalho) e as mulheres reportem mais compromisso na relação amorosa e menos no trabalho (i.e., mismatch para a relação amorosa).

No entanto, com cada vez mais mulheres a trabalhar e a alcançar cargos superiores no mundo organizacional, a crescente adoção de atitudes igualitárias face aos papéis de género tem vindo a atenuar a assimetria de género no envolvimento nos domínios do trabalho e da família (Bielby, 1992). Mais e mais indivíduos acreditam que as funções familiares e profissionais de homens e mulheres devem ser relativamente idênticas. A evidência sugere que os casais em que ambos os parceiros suportam atitudes igualitárias tendem a dividir o trabalho doméstico mais equitativamente (Helms et al., 2010) e a ganhar substancialmente mais com o aumento do número de horas de trabalho do que os indivíduos com atitudes tradicionais (Stickney & Konrad, 2007). Para estes casais, ambos os papéis estão fortemente incorporados nas suas identidades familiares e esta estrutura igualitária permite o desempenho por ambos os parceiros dos dois papéis simultaneamente (Masterson & Hoobler, 2015). Assim, a associação entre as atitudes face aos papéis de género e o compromisso no trabalho e nas relações amorosas deixa de ser tão clara, podendo até deixar de existir. Note-se, contudo, que os papéis de género não são a única explicação para as diferenças de género no compromisso no trabalho e na relação amorosa. Segundo Bielby (1992), estas também podem advir de restrições e oportunidades no mercado de trabalho e características do trabalho. De facto, embora a preferência de homens e mulheres por uma organização igualitária da vida familiar seja crescente, as normas e práticas nos locais de trabalho continuam a assentar em suposições tradicionais de género sobre a divisão do trabalho nas famílias (e.g., disparidade salarial, estigma associado ao usufruto da licença parental pelos homens). A perpetuação de crenças de papéis de género tradicionais no trabalho coloca barreiras adicionais ao alcance da igualdade de género (Thébaud & Halcomb, 2019).

O compromisso é um importante preditor da qualidade da relação amorosa. Investigação anterior sugere que o compromisso na relação amorosa promove comportamentos pró-relação (e.g., acomodação, perdão e conciliação; Wieselquist et al., 1999) que sustentam a relação e aumentam a sua estabilidade (Agnew, 2009). Para além disso, o compromisso foi negativamente relacionado com problemas na relação amorosa e positivamente associado à expressão de amor e ao ajustamento diádico (Clements & Swensen, 2000). Ainda, indivíduos comprometidos normalmente sacrificam os seus interesses em prol dos do/a parceiro/a e da relação (Rusbult et al., 2006). Por isso, perante uma oportunidade no trabalho que prejudique a relação de algum modo estes indivíduos deverão escolher a relação em detrimento do trabalho. Naturalmente, espera-se uma associação positiva entre o mismatch para a relação amorosa e a qualidade da relação amorosa. Também o match do compromisso é expectável se associar positivamente à qualidade da relação amorosa. Luyckx e colegas (2014) estudaram as configurações de identidade de jovens adultos nos domínios do amor e do trabalho e verificaram que os indivíduos fortemente comprometidos com ambos reportaram melhor funcionamento psicológico ao longo do tempo, menos sintomas psicológicos, stress no trabalho e conflitos entre a família e o trabalho e mais satisfação com a vida, satisfação com o trabalho e autoeficácia no conflito trabalho-família. O conflito da família no trabalho é particularmente relevante, com estes indivíduos a reportar consideravelmente menos do que os comprometidos apenas com um domínio (i.e., amor ou trabalho). Resultados semelhantes foram encontrados por Bornatici e Heers (2020). Os autores constataram que os casais que partilham igualmente as responsabilidades pelo trabalho, trabalho doméstico e cuidados familiares reportaram menor conflito da família no trabalho, além de que os indivíduos experienciaram menos conflito quando as suas atitudes foram consistentes com a sua forma de organização da vida familiar. Em resumo, os indivíduos com atitudes igualitárias face aos papéis de género com arranjos trabalho-família concordantes (i.e., igual compromisso no trabalho e na relação amorosa) tendem a experienciar menos conflito trabalho-família e, conseqüentemente, maior qualidade da relação amorosa (Yoo, 2021). Assim, argumentamos que:

Hipótese 2: O match versus mismatch do compromisso medeia a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa.

1.4. O Papel Moderador dos Ganhos Relativos

A entrada da mulher no mercado de trabalho não só influenciou a mudança de atitudes face aos papéis de género, como também contribuiu para que os ganhos relativos de homens e mulheres

se alterassem significativamente, desafiando, assim, o modelo tradicional de ganha-pão masculino. Em Portugal, de acordo com estudo “As mulheres em Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e o que sentem” (Sagnier & Morell, 2019), entre os casais constituídos por mulheres que vivem com um homem, 56% dos 2,7 milhões de mulheres entre os 18 e os 64 anos que a investigação representa, em 46% o homem ganha mais do que a mulher, em 27% ambos auferem rendimentos semelhantes e em apenas 15% a mulher ganha mais do que homem. Estes dados vão ao encontro dos de outros 27 países europeus, em que a percentagem de mulheres que contribuem com 51% ou mais para o rendimento familiar varia entre 15,7% na Áustria e 33,9% na Eslovénia. Neste estudo, 21,9% das mulheres portuguesas ($N = 1960$) contribuem com até 10%, 53% contribuem com 11% a 50% e 25,1% contribuem com mais de 51% para o rendimento familiar (Klesment & Van Bavel, 2017). Deste modo, os casais heterossexuais podem ser classificados em tradicionais ou não tradicionais quanto aos seus ganhos relativos. Os casais tradicionais ou normativos coincidem com o modelo tradicional em que cabe ao homem o papel de ganha-pão e, naturalmente, a maior fatia do rendimento da família. Os casais não tradicionais incluem as situações em que ambos os membros ganham o mesmo (i.e., casais igualitários) ou a mulher toma o lugar de ganha-pão e ganha mais do que o homem (i.e., casais contra normativos). Drago e colaboradores (2005) identificaram duas razões principais pelas quais se formam os últimos: ou o casal adota uma estratégia de igualdade de género, ou o homem não trabalha quer por incapacidade ou doença, quer por desemprego. Compreender os diferentes arranjos familiares e as circunstâncias que os antecedem é importante, porque os fatores económicos estão relacionados com outros que influenciam a vida do casal, como a saúde física e mental, a satisfação com a vida e o divórcio (Syrda, 2020). Para além disso, a distribuição dos ganhos no casal podem afetar a tomada de decisões familiares e as decisões relativas ao mercado de trabalho (Winkler, 1998). Se os casais tiverem opiniões distintas sobre este tema tal pode gerar conflito e stress na relação (Atwood, 2012). Por isso, a título exploratório, resolvemos analisar como os ganhos relativos condicionam a relação mediada entre as atitudes face aos papéis de género, o compromisso no trabalho e na relação amorosa e a qualidade da relação amorosa.

Investigação anterior demonstrou que os fatores económicos são um importante preditor da qualidade da relação amorosa (e.g., Hardie & Lucas, 2010). Especificamente, a evidência dá conta de que existe uma associação negativa entre os ganhos relativos da mulher e a qualidade da relação amorosa. Heckert e colegas (1998) verificaram que os casais não tradicionais em que as mulheres ganhavam entre 50% e 75% do rendimento familiar reportaram maior probabilidade de se separar do que os outros. O mesmo foi encontrado por Kalmijn e

colaboradores (2007). Os autores constataram que o modelo de ganha-pão masculino diminui o risco de separação, enquanto que o modelo de ganha-pão feminino aumenta-o. Zhang e Tsang (2012) acrescentam que os ganhos relativos da mulher foram negativamente associados à sua felicidade com a relação e positivamente à instabilidade conjugal. Shang e colegas (2018) corroboram estes resultados, demonstrando que a felicidade de homens e mulheres diminuiu significativamente com o facto de a mulher ganhar mais do que o homem. De acordo com Blom e Hewitt (2020) estas descobertas estão em linha com o modelo *doing gender*, o qual sugere que o género é construído através das interações sociais que reforçam as expectativas de género (West & Zimmerman, 1987). Homens e mulheres sentem-se mais satisfeitos com a relação quando transitam para arranjos mais tradicionais (i.e., o homem ganha mais do que a mulher) ou igualitários (i.e., ambos ganham o mesmo) do que quando mudam para arranjos contra normativos (i.e., a mulher ganha mais do que o homem), porque a perda do papel de ganha-pão pelo homem pode diminuir a sua autoestima e simultaneamente a consideração das mulheres pelo seu parceiro. Quando as diferenças nos ganhos entre homens e mulheres são menores, a influência na qualidade da relação é menos significativa (Blom & Hewitt, 2020). Em resumo, o desvio à norma “O homem deve ganhar mais do que a mulher” pode impactar negativamente as relações amorosas.

Ainda que a literatura seja muito unânime quanto a este tópico, é necessário considerar alguns fatores que fortalecem ou enfraquecem a relação entre os ganhos relativos da mulher e a qualidade da relação amorosa, nomeadamente, as atitudes face aos papéis de género e o compromisso na relação. Segundo Shang e colegas (2018), quando os casais adotam atitudes igualitárias, o facto de a mulher ganhar mais do que o homem não afeta a sua felicidade. Igualmente, Zhang (2015) verificou que as mulheres com atitudes tradicionais nos casais contra normativos reportaram maior infelicidade com a sua relação, provavelmente porque as exigências dos papéis do trabalho e da família impossibilitaram a confirmação das suas expectativas de género. Blom e Hewitt (2020) apoiam estes resultados. Tal também pode ter que ver com o facto de os indivíduos com atitudes mais igualitárias darem menor importância à disparidade dos ganhos (Coughlin & Wade, 2012). Também o compromisso na relação tem sido apontado como moderador desta relação. Zhang e Tsang (2013) observaram que o impacto negativo dos ganhos relativos da mulher na felicidade conjugal desaparece quando as mulheres nos casais contra normativos é comprometida com a relação e com o seu parceiro e está disposta a fazer sacrifícios por ele. Ademais, é de notar que a dependência económica aumenta o compromisso na relação (Nock, 1995).

Outra corrente de investigação aponta para a relação entre as atitudes face aos papéis de género e os ganhos relativos. Stickney e Konrad (2007) descobriram que as mulheres com atitudes igualitárias ganharam substancialmente mais do que as mulheres com atitudes tradicionais. Também Qing (2020) encontrou uma associação entre as atitudes tradicionais face aos papéis de género e os ganhos relativos da mulher, tal que atitudes mais tradicionais predizem menos ganhos. Segundo os autores, isso deve-se aos seus níveis de educação, taxas de participação na força de trabalho, horas de trabalho e estatutos profissionais, os quais são tanto menores quanto mais tradicionais forem as suas atitudes. A mesma associação não se encontra para os ganhos relativos dos homens.

Dada a proximidade teórica e empírica das quatro variáveis em estudo, argumentamos que a relação entre as atitudes face aos papéis e a qualidade da relação amorosa via compromisso no trabalho e na relação amorosa não se comportará de igual forma entre os casais normativos, igualitários e contra normativos. No entanto, como se trata de uma hipótese exploratória, a literatura não suporta que detalhemos a relação de moderação e, por isso, propomos apenas que:

Hipótese 3: Os ganhos relativos condicionam a mediação do match versus mismatch do compromisso na relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa.

Método

2.1. Participantes

Uma amostra de 512 indivíduos voluntariou-se para fazer parte do presente estudo.

Responderam ao questionário 361 mulheres. A idade dos participantes variou entre 18 e 80 anos ($M_{idade} = 32,11$; $DP = 11,52$). A maioria, portuguesas (92,7%), identificou-se como heterossexual (88,8%), completou o ensino secundário (33,8%) ou é licenciado (34%) e residia na Área Metropolitana de Lisboa (50,4%). Relativamente à esfera familiar, 64,6% dos participantes encontravam-se numa relação (32,5% eram solteiros/as numa relação, 10,4% eram solteiros/as em união de facto e 21,7% eram casados/as), 64,5% viviam com o companheiro/a (96,3% permanentemente) e 60,1% não tinham filhos. Em média, a sua relação já durava há cerca de 11 anos (em meses, $M = 130,81$; $DP = 116,57$). No que diz respeito à dimensão do trabalho, 67,2% dos participantes trabalhavam, sendo que a maioria tinha um emprego permanente (53%) e os restantes tinham um emprego temporário (6,5%) ou eram trabalhadores-estudantes (7,6%). Em média, os participantes trabalhavam na mesma organização há cerca de 8 anos (em meses, $M = 100,68$; $DP = 113,58$) e a maioria (68,7%) auferia um rendimento de até 999€.

Contudo, a totalidade da amostra não foi considerada na análise do modelo subjacente ao presente trabalho. Nesta, foram apenas considerados os indivíduos heterossexuais simultaneamente numa relação e a trabalhar que responderam a todas as variáveis em estudo ($N = 71$). A mortalidade amostral foi, aproximadamente, 86%. Na caracterização da amostra e análises preliminares foi considerado o número de respostas válidas a cada item e variável em análise.

2.2. Procedimento

Os participantes foram convidados nas redes sociais (e.g., Facebook) a responder a um questionário online (Qualtrics) sobre o seu local de trabalho e relação com o/a parceiro/a (ver anexo A). Como tal, trata-se de uma amostra não probabilística por conveniência. O tempo médio estimado para o preenchimento do questionário foi de 10 minutos. Depois de informados sobre o âmbito e objetivo do estudo, e quais os seus direitos (e.g., anonimidade e confidencialidade das respostas, carácter voluntário do estudo), os participantes responderam ao consentimento informado (i.e., clicar em “Concordo em participar”). Dado início ao

questionário em si, primeiramente, foram apresentadas algumas questões sociodemográficas (e.g., idade, sexo, estado civil) e, depois, as variáveis principais em estudo. Algumas eram apresentadas apenas aos participantes que satisfaziam determinadas condições (e.g., estar numa relação). No final, a participação dos participantes foi agradecida.

2.3. Instrumentos

2.3.1. Atitudes face aos papéis de género

As atitudes face aos papéis de género foram medidas através dos oito itens utilizados por Cunningham e colegas (2005). Estes abordam os papéis de género no contexto familiar. Dois exemplos de itens são “Existem alguns trabalhos para homens e outros para mulheres, e eles/elas não deveriam fazer os trabalhos uns dos outros” e “A mulher não deve esperar que o seu marido a ajude com as tarefas domésticas depois de um dia duro de trabalho”. Os itens foram avaliados numa escala de concordância de cinco pontos (1 = “Discordo totalmente” a 5 = “Concordo totalmente”). No estudo dos autores, os alfas de Cronbach revelaram um boa consistência interna ($0,73 < \alpha < 0,76$). Os itens foram traduzidos e adaptados para português, utilizando o método de tradução-retroversão conduzido por dois juízes independentes.

2.3.2. Compromisso no trabalho e na relação amorosa

Para medir o compromisso no trabalho e na relação amorosa utilizamos as escalas de Investimento de Rusbult aplicadas ao trabalho e às relações amorosas.

A Escala de Investimento de Rusbult aplicada ao trabalho foi desenvolvida por Rusbult e Farrell (1983) e adaptada para português por Lopes (em preparação). Esta escala contém 16 itens repartidos por quatro dimensões: satisfação ($0,93 < \alpha < 0,95$), qualidade das alternativas ($0,60 < \alpha < 0,77$), tamanho do investimento ($0,75 < \alpha < 0,80$) e compromisso ($0,88 < \alpha < 0,93$). As âncoras na escala de resposta variam consoante a formulação do item, mas são todas de sete pontos. As dimensões da satisfação (e.g., “Tomando tudo em consideração, em que medida se encontra satisfeito com o seu trabalho”), qualidade das alternativas (e.g., “Tomando tudo em consideração, em que medida as alternativas ao seu emprego atual são boas ou más?”), tamanho do investimento (e.g., “De uma forma geral, quanto investiu no seu presente trabalho?”) e compromisso (e.g., “Qual o seu grau de compromisso relativamente a este seu trabalho atual?”) são constituídas por seis, três, três e quatro itens, respetivamente.

A Escala de Investimento de Rusbult aplicada às relações amorosas (IMS, Rusbult et al., 1998) foi adaptada, validade e reduzida (IMS-S) por Rodrigues e Lopes (2013) para Portugal. A escala reduzida é composta por 13 itens e quatro dimensões: satisfação ($\alpha = 0,94$), qualidade das alternativas ($\alpha = 0,80$), tamanho do investimento ($\alpha = 0,82$) e compromisso ($\alpha = 0,89$). Todas as dimensões contêm três itens, à exceção do compromisso, com quatro itens. Estes foram avaliados numa escala de concordância de sete pontos (1 = “Discordo totalmente” a 7 = “Concordo totalmente”). Quatro exemplos, um de cada dimensão, são: “Sinto-me satisfeito com o meu relacionamento” (satisfação), “As alternativas ao meu relacionamento são atraentes para mim (encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)” (qualidade das alternativas), “Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o relacionamento terminasse” (tamanho do investimento) e “Estou comprometido a manter o meu relacionamento com o meu parceiro” (compromisso).

2.3.3. Qualidade da relação amorosa

A qualidade da relação amorosa percebida foi medida através dos 18 itens do *Perceived Relationship Quality Component (PRQC) inventory* (Fletcher et al., 2000), que avalia a satisfação com a relação, o compromisso, a confiança, a intimidade, a paixão e o amor, numa escala de sete pontos (1 = “Nada” a 7 = “Muito”). Dois exemplos de itens são “Em que medida a sua relação é sexualmente intensa?” e “Em que medida a sua relação é próxima?”. Crespo e colaboradores (2008) calcularam as pontuações médias nas seis dimensões para obter uma única dimensão de qualidade da relação amorosa percebida e obtiveram uma consistência interna excelente ($\alpha = 0,96$). Os itens foram traduzidos e adaptados para o português, utilizando o método de tradução-retroversão conduzido por dois juízes independentes.

2.3.4. Ganhos relativos

Para avaliar os ganhos relativos, construímos uma variável categórica com três categorias, considerando o sexo do participante e o item “Entre si e o seu/sua companheiro(a), quem teve maior rendimento em 2020?”. As três categorias são: (a) 1 = ambos ganham o mesmo, (b) 2 = a mulher ganha mais do que o homem e (c) 3 = o homem ganha mais do que a mulher.

2.4. Variáveis de Controlo

Foram consideradas nas análises realizadas as seguintes variáveis de controlo: (a) sexo, (b) idade, (c) rendimento, (d) antiguidade na relação e (e) duração da relação.

CAPÍTULO 3

Resultados

Começamos por analisar o padrão global de correlações entre as variáveis que compõem o modelo de análise, incluindo, também, as variáveis de controlo. No Quadro 3.3 encontram-se as médias, desvios-padrão, consistências internas e correlações que advêm desta e de outras análises preliminares descritas de seguida. Depois, com o propósito de testar as hipóteses colocadas, procedemos à análise do modelo de mediação condicionada. Todas as análises foram efetuadas com recurso ao software IBM SPSS Statistics (versão 27).

3.1. Análises Preliminares

Previamente à análise de correlações, foram construídos indicadores para três das variáveis em estudo e realizados testes *t* para uma amostra, a fim de examinar cada indicador tendo em consideração o seu desvio médio face ao ponto médio da respetiva escala. Foram ainda conduzidas análises fatoriais exploratórias, com o intuito de obter uma estrutura estável para as escalas não adaptadas de antemão para a população portuguesa (i.e., itens sobre as atitudes face aos papéis de género e o *Perceived Relationship Quality Component (PRQC) inventory*).

3.1.1. Atitudes face aos papéis de género

Para examinar a estrutura subjacente aos oito itens que formam a escala utilizada para avaliar as atitudes face aos papéis de género (Cunningham et al., 2005), realizámos duas análises fatoriais exploratórias. O método de extração utilizado foi a extração por eixos principais com rotação promax e foram considerados os pesos fatoriais iguais ou superiores a $|0,30|$.

A primeira análise com os oito itens revelou uma estrutura com dois fatores a explicar 61,86% da variância total ($KMO=0,84$). Depois de analisarmos os coeficientes padrão da solução após a rotação, dois itens foram descartados por apresentarem peso fatorial inferior a $|0,30|$. Os itens “É perfeitamente normal que as mulheres sejam muito ativas em clubes, política e outras atividades externas antes de os filhos crescerem” e “Uma mãe que trabalhe consegue estabelecer com os seus filhos uma relação tão calorosa e segura como uma mãe que não trabalha” com pesos fatoriais 0,11 e 0,19, respetivamente, não contribuíam para a estrutura estável do instrumento. A segunda análise com os restantes seis itens revelou uma estrutura com apenas um fator a explicar 62,26% da variância total ($KMO=0,84$). Como exposto no Quadro 3.1, este fator apresentou pesos fatoriais elevados (i.e., $>0,50$).

Quadro 3.1

Análise Fatorial Exploratória da Escala de Atitudes face aos Papéis de Género

	Pesos Fatoriais
As decisões mais importantes na vida da família devem ser tomadas pelo homem da casa	0,85
Existem alguns trabalhos para homens e outros para mulheres, e eles/elas não deveriam fazer os trabalhos uns dos outros	0,85
A mulher não deve esperar que o seu marido a ajude com as tarefas domésticas depois de um dia duro de trabalho	0,74
As mulheres são muito mais felizes se ficarem em casa e tomarem conta dos seus filhos	0,67
É muito melhor para todos se o homem ganhar o sustento e a mulher cuidar da casa e da família	0,66
É mais importante para a mulher ajudar na carreira do seu marido do que ter a sua própria carreira	0,66

A média de respostas aos seis itens foi utilizada para construir um indicador, cujos valores variam de 1 a 5. Pontuações mais altas indicam suporte para uma divisão rígida de papéis de género e pontuações mais baixas apontam para atitudes mais igualitárias. O alfa de Cronbach revelou uma boa consistência interna ($\alpha = 0,87$).

Considerando o ponto médio da escala igual a 4, verificou-se que as atitudes dos participantes face aos papéis de género se encontraram abaixo deste ponto ($M = 1,55$, $DP = 0,69$, $t(330) = -38,27$, $p < 0,001$), o que revela uma tendência generalizada para atitudes igualitárias face aos papéis de género.

3.1.2. Compromisso no trabalho e na relação amorosa

Os alfas de Cronbach das dimensões da escala do Modelo de Investimento de Rusbult aplicado ao trabalho revelaram que a satisfação ($\alpha = 0,89$) e o compromisso ($\alpha = 0,80$) tinham consistências internas boas, enquanto as consistências internas da qualidade das alternativas ($\alpha = 0,62$) e do tamanho do investimento ($\alpha = 0,59$) eram mais baixas. Tal, contudo, tem sido verificado também noutros estudos (e.g., Carvalho, 2017; Pina, 2019).

Uma vez realizada a análise da consistência, construímos quatro indicadores e, com recurso aos testes t para uma amostra, analisámos a sua funcionalidade. Verificámos que as dimensões da satisfação, compromisso e tamanho do investimento se encontraram acima do ponto médio da escala (valor = 4), querendo isto dizer que os participantes se encontravam satisfeitos ($M = 4,99$, $DP = 1,34$, $t(213) = 10,74$, $p < 0,001$) e comprometidos ($M = 5,16$, $DP = 1,35$, $t(213) = 12,56$, $p < 0,001$) com o seu trabalho e percebiam o tamanho do seu investimento alto ($M =$

4,89, $DP = 1,25$, $t(212) = 10,45$, $p < 0,001$). Já a qualidade das alternativas rondou o ponto médio da escala ($M = 3,85$, $DP = 1,23$, $t(213) = -1,76$, $p = 0,079$), pelo que os participantes não viam as alternativas ao seu trabalho nem como boas, nem como más.

Os alfas de Cronbach das mesmas dimensões, mas da escala do Modelo de Investimento de Rusbult aplicada às relações amorosas, indicaram consistências internas excelentes, boa e aceitável para as dimensões satisfação ($\alpha = 0,93$), compromisso ($\alpha = 0,93$), qualidade das alternativas ($\alpha = 0,84$) e tamanho do investimento ($\alpha = 0,77$), respetivamente, semelhantes às que se observaram noutra estudo com a população portuguesa (Rodrigues & Lopes, 2013).

Através dos testes t para uma amostra pudemos verificar que os participantes se encontravam satisfeitos ($M = 5,90$, $DP = 1,40$, $t(209) = 19,59$, $p < 0,001$) e comprometidos ($M = 6,26$, $DP = 1,23$, $t(209) = 26,72$, $p < 0,001$) com a sua relação amorosa e percebiam a qualidade das alternativas como baixa ($M = 2,23$, $DP = 1,46$, $t(209) = -17,55$, $p < 0,001$). O tamanho do investimento não se desviou do ponto médio da escala ($M = 4,00$, $DP = 1,64$, $t(209) = 0,028$, $p = 0,98$), o que significa que os participantes não percebiam o seu investimento na relação nem como alto, nem como baixo.

Com o propósito de conciliar o âmbito do trabalho e das relações amorosas numa única metodologia, construímos quatro indicadores, um para cada uma das quatro dimensões que compõem as escalas do Modelo de Investimento de Rusbult aplicadas ao trabalho e às relações amorosas. Os indicadores foram computados subtraindo as médias de respostas da escala aplicada às relações amorosas às da escala aplicada ao trabalho para cada dimensão. Os resultados obtidos variam entre -7 e 7 , sendo que o zero (i.e., ponto médio do indicador) representa a situação de equilíbrio entre os dois âmbitos (match) e os valores acima e abaixo de zero indicam desequilíbrio (mismatch) para as relações amorosas e para o trabalho, respetivamente.

Considerando o ponto médio do indicador igual a 0, verificou-se que os participantes se encontravam mais satisfeitos ($M = 0,83$, $DP = 1,86$, $t(137) = 5,27$, $p < 0,001$) e comprometidos ($M = 1,00$, $DP = 1,46$, $t(138) = 6,74$, $p < 0,001$) com a sua relação amorosa do que com o seu trabalho e investiam mais ($M = -0,78$, $DP = 1,80$, $t(137) = -5,10$, $p < 0,001$) e percebiam melhores alternativas ($M = -1,58$, $DP = 1,87$, $t(138) = -9,99$, $p < 0,001$) ao trabalho do que à relação amorosa.

De ressaltar que no modelo de análise em estudo apenas o match do compromisso é considerado. Tal deve-se ao facto de esta dimensão, de acordo com o MIR, ser uma consequente das restantes (Rusbult et al., 1998).

3.1.3. Qualidade da relação amorosa

O *Perceived Relationship Quality Component (PRQC) inventory* é composto por seis dimensões – satisfação, compromisso, confiança, intimidade, paixão e amor. Contudo, optámos por uma estrutura de um só fator, à semelhança de Crespo e colegas (2008). Para isso, realizámos duas análises fatoriais exploratórias, em que forçamos a extração de um fator.

Na primeira análise com os 18 itens que constituem a escala, o fator explicou 59,79% da variância total ($KMO=0,92$). Depois de analisarmos os coeficientes padrão da solução, um item foi eliminado (“Em que medida considera que o/a seu/sua parceiro/a depende de si?”) por apresentar peso fatorial inferior a $|0,30|$ ($-0,02$). Na segunda análise com os restantes 17 itens, o fator explicou 63,30% da variância total ($KMO=0,93$). Como apresenta o Quadro 3.2, este fator apresentou pesos fatoriais elevadas ($>0,45$).

A média de respostas aos 17 itens serviu para construir um indicador, em que valores mais próximos de sete representam maior qualidade da relação amorosa percebida e valores mais próximos de um menor qualidade. O alfa de Cronbach revelou uma excelente consistência interna ($\alpha = 0,96$).

Considerando o ponto médio da escala igual a 4, constatou-se que a qualidade da relação amorosa dos participantes se encontrava acima deste ponto ($M = 6,18$, $DP = 0,97$, $t(188) = 31,03$, $p < 0,001$), o que significa que estes percecionavam a sua relação como tendo boa qualidade.

Quadro 3.2

Análise Fatorial Exploratória do Perceived Relationship Quality Component Inventory

	Pesos Fatoriais
Em que medida está feliz com a sua relação?	0,90
Em que medida sente amor pelo seu/sua parceiro/a?	0,89
Em que medida está contente com a sua relação?	0,88
Em que medida está satisfeito com a sua relação?	0,88
Em que medida a sua relação é próxima?	0,86
Em que medida está dedicado à sua relação?	0,86
Em que medida se sente ligado ao seu/sua parceiro/a?	0,86
Em que medida a sua relação tem paixão?	0,85
Em que medida adora o/a seu/sua parceiro/a?	0,81
Em que medida sente carinho pelo/a seu/sua parceiro/a?	0,75
Em que medida a sua relação é íntima?	0,75
Em que medida considera que pode contar com o/a seu/sua parceiro/a?	0,74
Em que medida está comprometido com a sua relação?	0,73
Em que medida confia no/na seu/sua parceiro/a?	0,70
Em que medida a sua relação é sensual?	0,70
Em que medida a sua relação é sexualmente intensa?	0,53
Em que medida é leal à sua relação?	0,45

3.1.4. Ganhos relativos

Verificámos que na maioria dos casais heterossexuais em que os participantes se encontravam (56,3%), o homem ganhava mais do que a mulher. A situação inversa (i.e., a mulher ganha mais do que homem) apenas ocorreu em 24,4 % dos casais. Contudo, a percentagem mais baixa (19,3%) corresponde aos casais em que ambos ganhavam o mesmo.

3.2. Análise de Correlações

Apenas os participantes heterossexuais (i.e., mulher heterossexual, homem heterossexual), numa relação (i.e., solteiro/a numa relação, solteiro/a em união de facto ou casado/a) e a trabalhar (i.e., emprego permanente, emprego temporário ou trabalhador/a estudante) foram considerados nesta e nas análises seguintes.

Para analisarmos as correlações entre as variáveis do modelo de análise e as variáveis de controlo, recorreremos aos coeficientes de correlação de Pearson (r) e η (ETA). Como se constata no Quadro 3.3, as atitudes face aos papéis de género encontraram-se negativa e significativamente correlacionadas com a qualidade da relação amorosa ($r = -0,30$; $p < 0,05$), ou seja, atitudes mais tradicionais face aos papéis de género foram associadas a menor qualidade da relação amorosa percebida. Contrariamente, o compromisso no trabalho e na relação amorosa correlacionou-se positiva e significativamente com a qualidade da relação amorosa ($r = -0,32$; $p < 0,01$), querendo isto dizer que o mismatch para as relações amorosas foi associado a maior qualidade da relação percebida. Os resultados sugerem também que as associações entre os ganhos relativos e as atitudes face aos papéis de género ($\eta = 0,21$), o compromisso no trabalho e na relação amorosa ($\eta = 0,11$) e a qualidade da relação amorosa ($\eta = 0,19$) foram fracas.

Relativamente às variáveis de controlo, as atitudes face aos papéis de género encontraram-se positiva e significativamente correlacionadas com o sexo ($r = 0,53$; $p < 0,01$), ou seja, os homens penderam para atitudes mais tradicionais face aos papéis de género. O compromisso no trabalho e na relação amorosa correlacionaram-se negativa e significativamente com a idade ($r = -0,37$; $p < 0,01$), rendimento ($r = -0,36$; $p < 0,01$) e antiguidade na organização ($r = -0,30$; $p < 0,05$). Tal significa que os participantes com mais idade, rendimento e maior antiguidade na organização tenderam a estar mais comprometidos com o trabalho do que com a relação amorosa. Por fim, os ganhos relativos encontraram-se fortemente associados à duração da relação ($\eta = 0,80$) e à antiguidade na organização ($\eta = 0,65$).

Quadro 3.3

Médias, Desvios-padrão, Correlações e Consistência Interna

	M	DP	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Atitudes face aos papéis de género	1,55	0,69	(0,87)								
2. Compromisso no trabalho e na relação amorosa	1,00	1,46	-0,13								
3. Qualidade da relação amorosa	6,18	0,97	-0,30*	0,32**	(0,96)						
4. Ganhos relativos	-	-	<u>0,21</u>	<u>0,11</u>	<u>0,19</u>						
5. Sexo	-	-	0,53**	-0,09	-0,19	<u>0,24</u>					
6. Idade	32,11	11,52	-0,07	-0,37**	-0,14	<u>0,47</u>	-0,08				
7. Escolaridade	-	-	-0,10	0,11	0,01	<u>0,27</u>	-0,02	-0,13			
8. Duração da relação (em meses)	130,81	116,57	-0,08	-0,20	-0,20	<u>0,80</u>	-0,21*	0,57**	-0,22*		
9. Rendimento	-	-	0,03	-0,36**	-0,10	<u>0,17</u>	0,21**	0,29**	0,10	0,10	
10. Antiguidade na organização (em meses)	100,68	113,58	0,02	-0,30*	-0,14	<u>0,65</u>	-0,10	0,67**	-0,15	0,42**	0,23**

Nota. As consistências internas encontram-se entre parêntesis. Os coeficientes de correlação η estão sublinhados.

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

3.3. Modelo de Mediação Condicionada

Colocámos como hipóteses que as atitudes face aos papéis de género estão associadas à qualidade da relação amorosa e que esta relação é mediada pelo match versus mismatch do compromisso. Explorámos também como essa mediação varia de acordo com os ganhos relativos do casal. Para tal, como as hipóteses não eram específicas e a hipótese de moderação era exploratória, optámos por, primeiramente, utilizar o modelo 59 da macro PROCESS (Hayes, 2018), o qual testa todos os caminhos possíveis de uma variável moderadora dentro de uma mediação. Verificámos que só uma moderação se revelou significativa (ver anexo B) e, neste sentido, decidimos simplificar o modelo e, por uma questão de parcimónia estatística, optámos pelo modelo 14 da macro PROCESS (Hayes, 2018), reportado de seguida. As atitudes face aos papéis de género entraram como variável preditora (X), o match versus mismatch do compromisso como variável mediadora (M) e os ganhos relativos (codificado 1 = ambos ganham o mesmo, 2 = a mulher ganha mais do que o homem e 3 = o homem ganha mais do que a mulher) como variável moderadora (W). A variável critério foi a qualidade da relação amorosa (Y). Com base na análise de correlações, o sexo, a idade, a duração da relação, o rendimento e a antiguidade na organização foram inseridas como covariáveis. Os resultados encontram-se no Quadro 3.4.

A hipótese 1 postulou que as atitudes face aos papéis de género estão associadas à qualidade da relação amorosa. Para testar esta hipótese, recorremos a outro modelo da macro PROCESS (Hayes, 2018), o modelo 4. Os resultados suportaram esta hipótese. De facto, verificou-se que as atitudes face aos papéis de género foram associadas significativamente e negativamente à qualidade da relação amorosa (c: $B = -0,31$; $p < 0,05$; 95% IC = -0,58; -0,05), querendo isto dizer que quanto mais tradicionais são as atitudes dos participantes, menor é a qualidade percebida da sua relação.

A hipótese 2 sugeriu que o compromisso no trabalho e na relação amorosa, operacionalizado através do indicador de match versus mismatch do compromisso, medeia a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa. Os resultados evidenciaram que associação entre as atitudes face aos papéis de género e o match versus mismatch do compromisso não foi significativa (a: $B = -0,22$; $p > 0,05$; 95% IC = -0,76; 0,33). Apenas se verificou uma associação positiva e significativa entre o match versus mismatch do compromisso e a qualidade da relação amorosa (b: $B = 0,32$; $p < 0,05$; 95% IC = 0,06; 0,58), querendo esta dizer que quanto maior o mismatch para a relação amorosa, maior a qualidade da relação amorosa percebida.

De acordo com Rucker e colegas (2011), os efeitos a e b não necessitam de ser ambos significativos para o efeito ab o ser. Por isso, o efeito indireto das atitudes face aos papéis de género na qualidade da relação amorosa via match versus mismatch do compromisso verificou-se significativo (ab: $B = -0,27$; $p < 0,05$; 95% IC = -0,52; -0,01), suportando a segunda hipótese. Como tanto o efeito direto, como o indireto foram significativos, trata-se de uma mediação parcial (ver Quadro 3.4).

A terceira e última hipótese afirmou que os ganhos relativos condicionam a mediação do match versus mismatch do compromisso na relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa. Os resultados vão ao encontro desta hipótese exploratória, uma vez que se encontrou um efeito de interação significativo entre o match versus mismatch do compromisso e uma das variáveis *dummy* geradas para os ganhos relativos, a que tem a categoria “a mulher ganha mais do que o homem” como referência ($B = -0,48$; $p < 0,05$; 95% IC = -0,90; -0,06). Tal significa que o efeito indireto das atitudes face aos papéis de género na qualidade da relação amorosa via match versus mismatch do compromisso variou em função dos ganhos relativos. Mais especificamente, a associação entre o match versus mismatch do compromisso e a qualidade da relação amorosa alterou nos vários níveis dos ganhos relativos. Na Figura 3.1 verificamos que o match versus mismatch do compromisso e a qualidade da relação amorosa foram positivamente associados quando ambos os membros do casal ganham o mesmo ($B = 0,32$; $p < 0,05$; 95% IC = 0,06; 0,58) e o homem ganha mais do que a mulher ($B = 0,19$; $p < 0,05$; 95% IC = 0,05; 0,33). Quando a mulher ganha mais do que o homem, esta associação não se verificou positiva e o efeito não foi significativo ($B = -0,16$; $p > 0,05$; 95% IC = -0,46; 0,15).

O presente modelo, apresentado na Figura 3.2, explicou 36% da variação da qualidade da relação amorosa ($R^2 = 0,36$) e foi significativo ($F(11, 59) = 2,98$, $p < 0,01$).

Quadro 3.4

Resultados da Modelo de Mediação Condicionada – Qualidade da Relação Amorosa

Variáveis	Match versus mismatch do compromisso			Qualidade da relação amorosa		
	Coef.	EP	95% IC	Coef.	EP	95% IC
<i>Variáveis Preditora e Moderadora</i>						
Atitudes face aos papéis de género	-0,22	0,27	[-0,76, 0,33]	-0,27*	0,13	[-0,52, -0,01]
Ganhos relativos 1 (<i>dummy</i>)				-0,34	0,28	[-0,89, 0,21]
Ganhos relativos 2 (<i>dummy</i>)				-0,16	0,24	[-0,63, 0,31]
<i>Interação 1</i>						
Match versus mismatch do compromisso x Ganhos relativos 1				-0,48*	0,21	[-0,90, -0,06]
<i>Interação 2</i>						
Match versus mismatch do compromisso x Ganhos relativos 2				-0,14	0,14	[-0,42, 0,14]
<i>Mediadora</i>						
Match versus mismatch do compromisso				0,32*	0,13	[0,02, 0,06]
<i>Efeito direto</i>						
Atitudes face aos papéis de género				-0,28*	0,13	[-0,54, -0,02]
<i>Efeito indireto</i>						
Atitudes face aos papéis de género				-0,27*	0,13	[-0,52,-0,01]

Nota. $N = 71$. Todas as estimativas para a mediação condicionada foram também testadas quanto à significância usando o intervalo de confiança corrigido para o viés de 5,000 amostras bootstrap. EP = Erro-padrão. IC = Intervalo de Confiança. * $p < 0,05$

Figura 3.1

Moderação dos Ganhos Relativos na relação entre o Compromisso no Trabalho e na Relação Amorosa e a Qualidade da Relação Amorosa

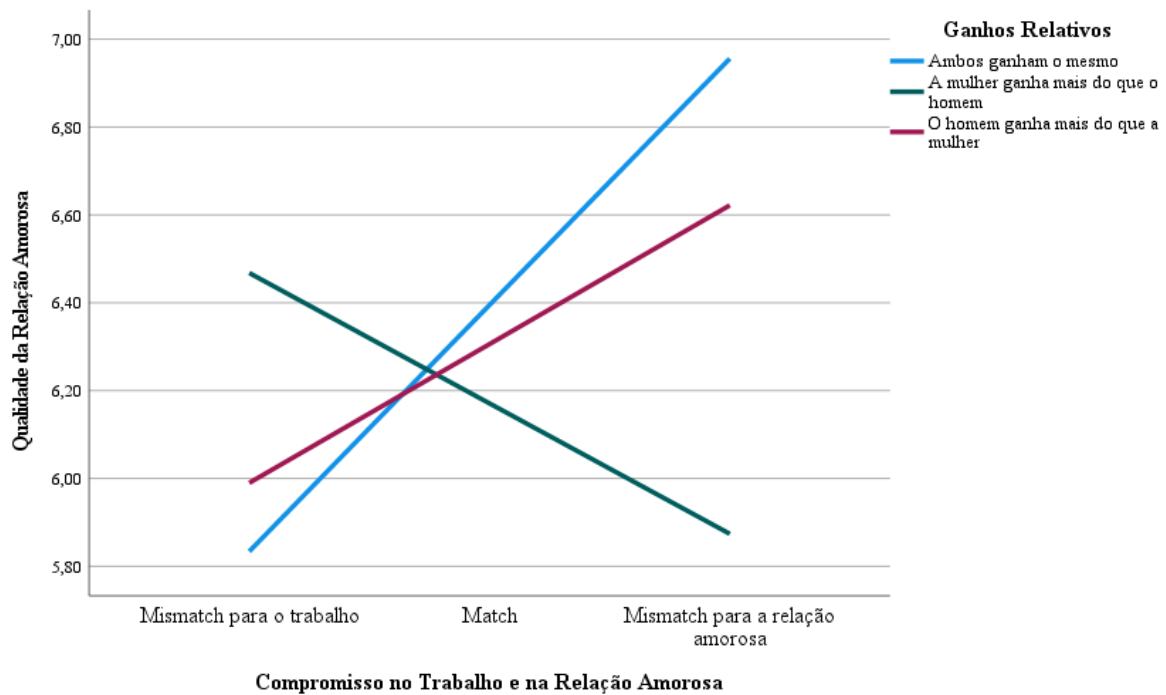
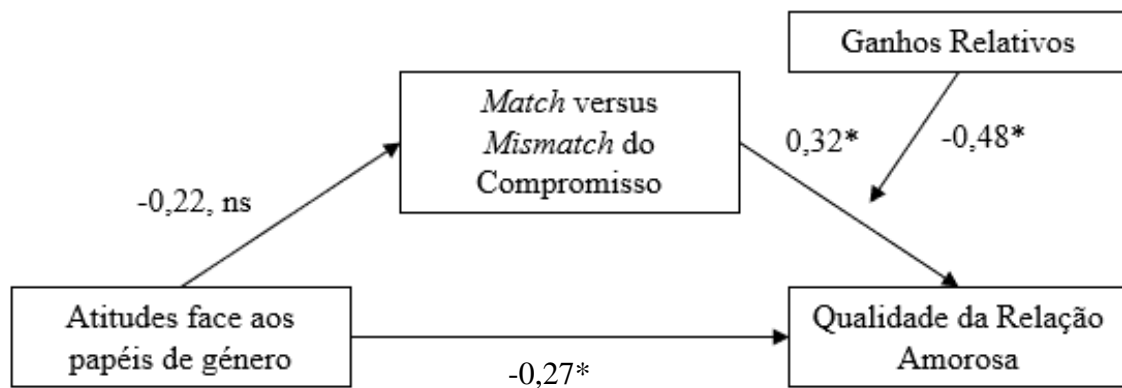


Figura 3.2

Resultados do Modelo de Mediação Condicionada



Nota. * $p < 0,05$ ns = não significativo

Discussão

As relações amorosas ocupam um papel central na vida adulta. O amor, a confiança, a intimidade, o compromisso e o suporte que as caracterizam definem a sua qualidade. No entanto, nem todas fruem destes atributos. Algumas relações amorosas são percebidas como tendo mais qualidade do que outras, o que contribui distintivamente para o bem-estar dos indivíduos. Dada a sua importância, torna-se fundamental conhecer os fatores associados a maior ou menor qualidade da relação amorosa. As atitudes face aos papéis de género são um reconhecido seu preditor. Contudo, os mecanismos subjacentes a esta relação são merecedores da atenção dos investigadores. Por esse motivo, o presente estudo tem como objetivo analisar o papel mediador do compromisso no trabalho e na relação amorosa na relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa. Este estudo explora ainda os ganhos relativos como variável moderadora desta relação mediada.

Primeiramente, os resultados confirmam a associação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa, tal que quanto mais igualitárias forem as atitudes, maior é a qualidade da relação percebida, suportando a primeira hipótese. Esta descoberta é consistente com estudos anteriores (e.g., Aida & Falbo, 1991; Helms et al., 2019; Kaufman & Taniguchi, 2006; Çetinkaya & Gençdoğan, 2017; Rakwena, 2010). Em particular, destacamos as conclusões de Helms e colegas (2019) e Rakwena (2010), os quais referem a maior conexão e proximidade a diferentes níveis (e.g., emocional e intelectual) sentida pelos indivíduos quando eles próprios e os parceiros adotam atitudes igualitárias face aos papéis de género. Tal vai ao encontro do modelo de companheirismo (Burgess et al., 1963) e da perspectiva de colaboração de papéis (Rogers, 2004). O primeiro sugere que a maior partilha de responsabilidades por homens e mulheres gera maior intimidade emocional entre os parceiros. Especificamente, a partilha de experiências nos domínios familiar e do trabalho, a abolição da autoridade e poder patriarcal e a maior abertura para o homem se expressar emocionalmente e cuidar da família proporcionam maior compreensão e intimidade emocional ao casal (Wilcox & Nock, 2006). A segunda perspectiva acrescenta que quando os recursos e contribuições são mais idênticos entre os parceiros, estes partilham mais experiências (e.g., relacionadas com o trabalho) e dividem as tarefas menos agradáveis mais equitativamente, o que aumenta o afeto mútuo (Rogers, 2004).

Em segundo lugar, observamos que não existe uma associação significativa entre as atitudes face aos papéis de género e o match versus mismatch do compromisso, o que era de esperar caso os participantes reportassem atitudes mais igualitárias face aos papéis de género,

como foi o caso. Estas atitudes atenuam a assimetria de género no envolvimento nas esferas familiar e do trabalho (Bielby, 1992) e, conseqüentemente, a sua influência no match versus mismatch do compromisso é amortecida. No presente estudo, os resultados sugerem que as duas variáveis não estão de todo relacionadas significativamente. Assim, embora os indivíduos com atitudes mais igualitárias tendem a ter ambos os papéis do trabalho e da família fortemente incorporados nas suas identidades familiares, principalmente, no contexto do casal quando estas atitudes se manifestam em comportamentos (Masterson & Hoobler, 2015), não são as atitudes face aos papéis de género que definem a primazia dada a um domínio em detrimento do outro ou o igual compromisso nos dois. Ao invés, outras variáveis poderão estar implicadas, como por exemplo, o estilo de vida preferido (Hakim, 2002) ou o contexto político e cultural (Craig & Mullan, 2010).

Em terceiro, os resultados suportam a ideia de que quanto maior o mismatch para a relação amorosa, maior a qualidade da relação amorosa percebida. Tal é concordante com estudos anteriores que revelam uma associação positiva entre o compromisso na relação amorosa e a satisfação com a relação (e.g., Givertz et al., 2016; Hou et al., 2019). Associação essa que, de acordo com Givertz e colaboradores (2016), pode ser explicada pela interdependência conjugal, à luz da Teoria da Interdependência (Kelley & Thibaut, 1978) e do MIR (Rusbult, 1980, 1983). Nas relações amorosas, os parceiros, por norma, são dependentes um do outro para satisfazerem as necessidades inerentes à relação (e.g., companheirismo, intimidade) e, naturalmente, tenderão a ser comprometidos com a manutenção da mesma e com os ganhos que dela advém. Deste modo, forte compromisso na relação promove comportamentos de interdependência que, por sua vez, geram resultados positivos e satisfação com a relação (Givertz et al., 2016). Hou e colegas (2019) apontam para um outro mediador desta relação - a comunicação. Os autores verificaram que a qualidade da comunicação está positivamente associada com o compromisso e a satisfação com a relação amorosa. Para além disso, perante um sacrifício percebido na relação, relacionado, por exemplo, com um conflito entre papéis profissionais e familiares, o compromisso na relação pode desempenhar um papel protetor e amortecer os efeitos negativos desse sacrifício na qualidade da relação amorosa (Cao et al., 2017).

Assim, e considerando que para Rucker e colegas (2011) a significância estatística do efeito das atitudes face aos papéis de género no match versus mismatch do compromisso não é condição necessária da relação mediada, os resultados apoiam a segunda hipótese. O match versus mismatch do compromisso medeia a relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa, tal que os indivíduos com atitudes mais igualitárias tendem a estar mais comprometidos na relação amorosa do que no trabalho e, conseqüentemente,

percebem a sua relação amorosa como tendo maior qualidade. Colocamos como hipótese, a explorar em estudos futuros, que o maior compromisso na relação se pode dever à empatia, compreensão mútua, proximidade e intimidade promovidas pelas atitudes igualitárias face aos papéis de género no contexto de uma relação ela própria igualitária, uma vez que o suporte do parceiro/a desempenha um papel protetor importante e evita que a carga de trabalho crie exaustão e conflito trabalho-família (Pluut et al., 2018).

Por fim, os resultados evidenciam que os ganhos relativos condicionam a mediação do match versus mismatch do compromisso na relação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa, corroborando a terceira e última hipótese. Por um lado, verificamos que quando os indivíduos se encontram em relações amorosas em que ambos ganham o mesmo (i.e., casais igualitários) ou o homem ganha mais do que a mulher (i.e., casais normativos) a relação entre o match versus mismatch do compromisso e a qualidade da relação amorosa é positiva, sendo mais forte na primeira situação. Por outro, podemos observar que na situação em que a mulher ganha mais do que o homem (i.e., casais contra normativos) a relação é negativa, apesar de o efeito estatístico não ser significativo. Quer isto dizer que a qualidade da relação amorosa só é tanto maior quanto maior for o mismatch para relação para os indivíduos que se encontram em relações amorosas em que ambos ganham o mesmo ou o homem ganha mais do que a mulher e que quando os indivíduos se encontram em relações em que a mulher ganha mais do que o homem, a tendência é no sentido oposto. Mais, os resultados mostram que a relação entre as atitudes face aos papéis de género, o compromisso no trabalho e na relação amorosa e a qualidade da relação amorosa só é positiva e significativa para os casais igualitários e normativos, por meio da associação entre o match versus mismatch do compromisso e a qualidade da relação amorosa.

Estas descobertas vão ao encontro da abordagem multidimensional das atitudes face aos papéis de género, que rompe com a ideia de que existirá uma total convergência atitudinal em direção ao igualitarismo de género (Knight & Brinton, 2017). Knight e Brinton (2017) investigaram a natureza multidimensional das atitudes face aos papéis de género em 17 países europeus e identificaram três variedades distintas de igualitarismo: (a) igualitarismo liberal, (b) familismo igualitário e (c) igualitarismo flexível. As três diferem nas dimensões de igualitarismo (i.e., ideia de que homens e mulheres são iguais), essencialismo (i.e., noção de que homens e mulheres têm características diferentes) e imperativo normativo (i.e., crença de que os géneros devem desempenhar certos papéis). O igualitarismo liberal é o mais comumente descrito na literatura das atitudes face aos papéis de género e suporta que as mulheres alcancem a igualdade no trabalho e que contribuem de modo igual para o rendimento familiar. O

familismo igualitário também apoia o igualitarismo no trabalho, mas defende noções essencialistas de que as mulheres, na sua maioria, desejam construir uma família e ter filhos. Por último, o igualitarismo flexível suporta a ideia de existirem mulheres donas de casa e de mulheres trabalhadoras e que não devem existir determinados papéis destinados especificamente a estas. Para além disso, nega a suposição essencialista de que os homens têm mais direito ao trabalho do que as mulheres durante crises económicas, mas isto não quer dizer que ambos os sexos devam contribuir necessariamente para o rendimento familiar. As atitudes face aos papéis de género dos participantes do presente estudo assemelham-se a este último. Os resultados dão a entender que, embora apoiem o igualitarismo e neguem o essencialismo, os participantes não creem que a mulher deva contribuir mais para o rendimento familiar do que o homem. Por esse motivo, corroborando os estudos que apontam para uma associação negativa entre os ganhos relativos da mulher e a qualidade da relação amorosa (e.g., Heckert et al., 1998; Kalmijn et al., 2007; Shang et al., 2018; Zhang & Tsang, 2012), não verificamos uma associação positiva entre o match versus mismatch do compromisso e a qualidade da relação amorosa na condição em que a mulher ganha mais do que homem.

No entanto, ao contrário dos estudos que afirmam que as atitudes igualitárias face aos papéis de género enfraquecem esta relação (Shang et al., 2018), os resultados sugerem que não, porque não se trata de um igualitarismo liberal. Se o efeito fosse estatisticamente significativo, os indivíduos em casais contra normativos com atitudes igualitárias tenderiam a estar mais comprometidos na relação amorosa do que no trabalho e, conseqüentemente, perceberiam a sua relação amorosa como tendo menor qualidade. Isto porque, à partida, os cargos que as mulheres ocupam em que ganham mais do que o homem não são condizentes com o mismatch para a relação amorosa, já que a escolha deste domínio em detrimento do trabalho coloca mais barreiras às mulheres do que aos homens (Amâncio & Santos, 2021). Ademais, nesta situação, o mais natural de ocorrer é uma dupla penalização da mulher ao parceiro, uma vez que, para além de ganhar mais, a mulher tenderá a ter um estatuto superior (Blom & Hewitt, 2020) e, embora o mismatch para a relação possa aqui ser uma estratégia para suportar a relação atrás ao de cima uma tensão que não seria tão evidente no mismatch para o trabalho. As mulheres podem apreciar a sua posição de estatuto superior, mas ao serem vistas como transgressoras da norma social, a procura por consistência entre os domínios do trabalho e da família gera tensão e leva estas a sentirem uma perda subjetiva de estatuto, o que pode afetar as suas emoções e respostas e, conseqüentemente, a qualidade da relação amorosa. Efeitos de cruzamento tenderão a acontecer e a qualidade da relação percebida pelo parceiro também é abalada (Byrne & Barling, 2017).

Por fim, verificamos que a relação entre o match versus mismatch do compromisso e a qualidade da relação amorosa é mais forte para os casais igualitários, o que não corrobora a evidência de que quando as diferenças nos ganhos entre homens e mulheres são menores, a sua influência na qualidade da relação é menos significativa (Blom & Hewitt, 2020), mas é concordante com a perspectiva de colaboração de papéis (Rogers, 2004), já referida, de que contribuições mais idênticas de ambos os parceiros propiciam maior afeto.

Implicações Teóricas e Práticas

O presente estudo oferece um conjunto relevante de contributos quer teóricos, para as literaturas das relações amorosas e da igualdade de género, quer práticos, para a terapia de casal e para a intervenção social. para as organizações.

Embora a literatura sobre a associação entre as atitudes face aos papéis de género e a qualidade da relação amorosa seja extensa (e.g., Aida & Falbo, 1991; Çetinkaya & Gençdoğan, 2017; X. Li et al., 2020; Rakwena, 2010; Xu & Lai, 2004), este estudo vem clarificar esta relação na atualidade e apresentar, pela primeira vez, o compromisso no trabalho e na relação amorosa enquanto seu mecanismo explicativo. Verificamos uma tendência para o mismatch para a relação entre aqueles com atitudes mais igualitárias face aos papéis de género, o que coloca em evidência a importância das relações amorosas enquanto eixo fundamental da harmonia entre todas as esferas da vida dos indivíduos, principalmente, na forma como são concebidas nos dias de hoje, como fonte de felicidade, realização pessoal, companheirismo, intimidade e partilha de experiências (Cherlin, 2020). Consequentemente, esta priorização do compromisso na relação amorosa relaciona-se com a sua maior qualidade, o que potencialmente reforça a experiência de bem-estar advinda do equilíbrio individual e diádico nas relações igualitárias. Contudo, e respondendo à questão colocada no título deste estudo, estas descobertas são uma faca de dois gumes, porque, de um lado temos uma associação positiva entre o mismatch para a relação e a qualidade da relação amorosa quando o homem ganha mais do que a mulher ou ambos ganham o mesmo e do outro a tendência contrária quando a mulher ganha mais do que o homem. Neste sentido, este estudo elucida a complexidade das questões de género e mostra que, ao contrário do descrito em grande parte da literatura, as atitudes face aos papéis não se deslocam num contínuo em que de um extremo temos atitudes tradicionais e do outro temos atitudes igualitárias (Knight & Brinton, 2017). Ao invés, esta investigação evidencia a multidimensionalidade das atitudes face aos papéis de género.

Igualmente, estes resultados elucidam casais e terapeutas sobre a importância de discutir abertamente expectativas de género e de que forma estas podem influenciar os processos de tomada de decisão conjugal, mesmo quando não existem atitudes face aos papéis de género declaradas pelo casal. Os casais ao compreenderem como estas atitudes afetam a sua vida familiar poderão ficar mais inclinados para adotar o igualitarismo na relação. A terapia de casal pode ser um meio de educá-los sobre estratégias eficazes para reduzir o conflito trabalho-família (e.g., parceria e companheirismo), com efeito na qualidade da relação amorosa de ambos os parceiros (Minnotte et al., 2013). Para além disso, a terapia pode ser útil ao desconstruir preconceitos relativos ao facto de a mulher ganhar mais do que os homens, se for o caso. Operando as mesmas conclusões, no âmbito da intervenção social, este estudo presenteia os profissionais que organizam campanhas e ações de formação para a igualdade de género com informação rica, proveitosa e que desmistifica que, embora as atitudes face aos papéis de género estejam a mudar, alguns papéis persistem (e.g., homem enquanto chefe de família) e a norma de que o homem deve ganhar mais do que a mulher continua a perpetuar-se. Neste sentido, devemos ter em conta que existe ainda um caminho tortuoso a percorrer até se atingir a igualdade de género, fundamental enquanto pilar do desenvolvimento humano.

Limitações e Investigação Futura

Não obstante as suas contribuições, este estudo apresenta algumas limitações que devem ser tidas em conta aquando da interpretação dos respetivos resultados. Em primeiro lugar, a amostra não é representativa da população em estudo e, por isso, é necessário cautela na generalização destas descobertas. Embora o número de participantes que se voluntariaram para fazer parte do presente estudo tenha sido razoável, os considerados na análise do modelo de mediação condicionada (i.e., indivíduos heterossexuais simultaneamente numa relação e a trabalhar que responderam a todas as variáveis em estudo) foram em número reduzido. A mortalidade amostral também foi elevada. De referir, ainda, que foi utilizado um método de amostragem por conveniência, o que concede alguma suscetibilidade de enviesamentos nos resultados. Por isso, sugerimos que investigação futura replique o modelo exposto com uma amostra representativa da população em Portugal. Para além disso, embora os resultados tenham sido os expectáveis, seria importante obter uma amostra mais equilibrada quanto ao sexo, dada a sua relevância para as variáveis em estudo (e.g., diferenças de sexo nas atitudes face aos papéis de género). Para isso, apesar de ser um método não probabilístico, propomos que estudos futuros selecionem uma amostra por quotas segmentada por sexo.

Em segundo, trata-se de um estudo correlacional, o que, por si só, inviabiliza inferências de causalidade entre as variáveis. Ademais, a recolha de dados foi realizada num único momento temporal e os instrumentos utilizados são de autoreporte, o que potencia o enviesamento do método comum e questões de desejabilidade social e consistência intrapessoal, respetivamente. Embora a metodologia correlacional com recurso ao questionário online tenha sido o método mais adequado para o objetivo do presente estudo, sugerimos que investigação futura dê preferência a recolhas de dados em pelo menos duas vagas e, ainda, para se explorarem efeitos causais, se realizem estudos longitudinais sobre este tema, à semelhança de outros que analisaram a mudança das atitudes face aos papéis de género no tempo (e.g., Amato & Booth, 1995; Corrigall & Konrad, 2007).

Um outro aspeto que enriqueceria este estudo e fica de sugestão para investigação futura é a análise com base no modelo de interdependência ator-parceiro (Cook & Kenny, 2005). Este modelo de relações diádicas tem sido amplamente usado no estudo das relações amorosas (Kenny, 2018), pois permite conciliar o conceito de interdependência com técnicas estatísticas apropriadas para o medir e testar e, desta forma, identificar efeitos de ator e efeitos de parceiro. (Cook & Kenny, 2005). Os efeitos de ator são os caminhos do X de um indivíduo para o Y desse mesmo indivíduo e os efeitos de parceiro são os caminhos do X de um indivíduo para o Y do parceiro. Nas díades (e.g., marido e mulher), há dois efeitos de ator e dois efeitos de parceiro (Kenny, 2018) e, ainda, podem existir efeitos de ator e parceiro moderados por ator ou parceiro (Cook & Kenny, 2005). No caso das variáveis em estudo, uma associação de ator poderia ser entre as atitudes face aos papéis de género da mulher e a sua perceção da qualidade da relação amorosa e uma associação de parceiro poderia ser entre as atitudes face aos papéis de género da mulher e a perceção do parceiro da qualidade da relação amorosa. Por exemplo, investigação anterior sugere que quando as mulheres reportam menos atitudes tradicionais, os seus parceiros reportam sentirem-se mais ligados a elas e mais satisfeitos com a relação (Helms et al., 2019). Na mesma linha de pensamento, seria interessante estudar a congruência das atitudes face aos papéis de género dos parceiros à semelhança de outros estudos (e.g., X. Li et al., 2020). A literatura revela que as atitudes de ambos podem atuar em conjunto para moldar os outcomes da relação (Davis & Greenstein, 2009). Por exemplo, Ogolsky e colegas (2014) verificaram que tanto os homens como as mulheres reportaram menor qualidade da relação amorosa quando as suas atitudes eram discrepantes das do seu/sua parceiro/a.

Por fim, para enriquecer a análise sugerimos a utilização de um instrumento mais integrado e robusto para medir as atitudes face aos papéis de género. Para não complexificarmos o questionário, optámos por uma medida simples e curta com o foco nos papéis de género no

contexto familiar. Todavia, reconhecemos que estas atitudes são transversais a outros domínios, como o do trabalho e que, pelo constatado nos resultados, são um construto multidimensional. Assim, sugerimos a conceção de um instrumento adaptado ao contexto atual e à população portuguesa que capte as diferentes dimensões e domínios (e.g., família, trabalho) das atitudes face aos papéis de género, como fizeram Fan e Qian (2021), e, para além disso, procure identificar se estas atitudes se traduzem em comportamentos (e.g., Ogolsky et al., 2014). Para tal, propomos a realização de um estudo qualitativo prévio que examine as atitudes face aos papéis de género dos portugueses, incluindo opiniões sobre as diferentes facetas do igualitarismo de género e as várias motivações para agir em conformidade.

Referências Bibliográficas

- Agnew, C. R. (2009). Commitment, theories and typologies. *Department of Psychological Sciences Faculty Publications*, Artigo 28. <http://docs.lib.purdue.edu/psychpubs/28>
- Agnew, C. R., Rusbult, C. E., Van Lange, P. A. M., & Langston, C. A. (1998). Cognitive interdependence: Commitment and the mental representation of close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(4), 939–954. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.4.939>
- Ahlborg, T., Misvaer, N., & Möller, A. (2009). Perception of marital quality by parents with small children. *Journal of Family Nursing*, 15(2), 237–263. <https://doi.org/10.1177/1074840709334925>
- Aida, Y., & Falbo, T. (1991). Relationships between marital satisfaction, resources, and power strategies. *Sex Roles*, 24(1–2), 43–56. <https://doi.org/10.1007/BF00288702>
- Altrocchi, J., & Crosby, R. D. (1989). Clarifying and measuring the concept of traditional vs. egalitarian roles in marriages. *Sex Roles*, 20(11–12), 639–648. <https://doi.org/10.1007/BF00288076>
- Amâncio, L., & Santos, M. H. (2021). Gender equality and modernity in Portugal: An analysis on the obstacles to gender equality in highly qualified professions. *Social Sciences*, 10(5). <https://doi.org/10.3390/socsci10050162>
- Amato, P. R., & Booth, A. (1995). Changes in gender role attitudes and perceived marital quality. *American Sociological Review*, 60(1), 58–66. <https://doi.org/10.2307/2096345>
- Antonucci, T. C., Lansford, J. E., & Akiyama, H. (2001). Impact of positive and negative aspects of marital relationships and friendships on well-being of older adults. *Applied Developmental Science*, 5(2), 68–75. https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0502_2
- Argyle, M. (2001). *The Psychology of Happiness*. Routledge.
- Atwood, J. D. (2012). Couples and money: The last taboo. *American Journal of Family Therapy*, 40(1), 1–19. <https://doi.org/10.1080/01926187.2011.600674>
- Barber, J. S., & Axinn, W. G. (1998). Gender role attitudes and marriage among young women. *Sociological Quarterly*, 39(1), 11–31. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.1998.tb02347.x>
- Barr, A. B., Culatta, E., & Simons, R. L. (2013). Romantic relationships and health among african american young adults: Linking patterns of relationship quality over time to changes in physical and mental health. *Journal of Health and Social Behavior*, 54(3), 369–385. <https://doi.org/10.1177/0022146513486652>
- Beam, C. R., Marcus, K., Turkheimer, E., & Emery, R. E. (2018). Gender differences in the structure of marital quality. *Behavior genetics*, 48(3), 209–223. <https://doi.org/10.1007/s10519-018-9892-4>
- Bielby, D. D. (1992). Commitment to work and family. *Annual Review of Sociology*, 18(1), 281–302. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.18.080192.001433>
- Blaisure, K. R., & Allen, K. R. (1995). Feminists and the ideology and practice of marital equality. *Journal of Marriage and the Family*, 57(1), 5–19. <https://doi.org/10.2307/353812>
- Blom, N., & Hewitt, B. (2020). Becoming a female-breadwinner household in Australia: Changes in relationship satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 82(4), 1340–1357. <https://doi.org/10.1111/jomf.12653>
- Bornatici, C., & Heers, M. (2020). Work-family arrangement and conflict: Do individual gender role attitudes and national gender culture matter? *Social Inclusion*, 8(4), 46–60. <https://doi.org/10.17645/si.v8i4.2967>
- Bowen, G. L., & Orthner, D. K. (1983). Sex-role congruency and marital quality. *Journal of*

- Marriage and the Family*, 45(1), 223-230. <https://doi.org/10.2307/351312>
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 964–980. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00964.x>
- Bulanda, J. R., Brown, J. S., & Yamashita, T. (2016). Marital quality, marital dissolution, and mortality risk during the later life course. *Social Science and Medicine*, 165, 119–127. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.07.025>
- Burgess, E. W., Locke, H. J., & Thomes, M. M. (1963). *The family. From institutuin to companioship*. American Book Company.
- Byrne, A., & Barling, J. (2017). When she brings home the job status: Wives' job status, status leakage, and marital instability. *Organization Science*, 28(2), 177–192. <https://doi.org/10.1287/orsc.2017.1120>
- Cao, H., Fang, X., Fine, M. A., Ju, X., Lan, J., & Zhou, N. (2017). Sacrifice, commitment, and marital quality in the early years of Chinese marriage: An actor–partner interdependence moderation model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 34(7), 1122–1144. <https://doi.org/10.1177/0265407516670041>
- Carlson, D. L., Miller, A. J., Sassler, S., & Hanson, S. (2016). The gendered division of housework and couples' sexual relationships: A reexamination. *Journal of Marriage and Family*, 78(4), 975–995. <https://doi.org/10.1111/jomf.12313>
- Carvalho, J. M. F. R. de. (2017). *Match ou mismatch : Modelo de investimento de Rusbult no trabalho e relações amorosas – A influência no burnout* [Dissertação de Mestrado]. Iscte-Instituto Universitário de Lisboa.
- Çetinkaya, S., & Gençdoğan, B. (2017). The relationship between marital quality, attitudes towards gender roles and life satisfaction among the married individuals. *Psychology, Society, & Education*, 6(2), 94-112. <https://doi.org/10.25115/psye.v6i2.511>
- Cherlin, A. J. (2020). Degrees of change: An assessment of the deinstitutionalization of marriage thesis. *Journal of Marriage and Family*, 82(1), 62–80. <https://doi.org/10.1111/jomf.12605>
- Choi, H., & Marks, N. F. (2013). Marital quality, socioeconomic status, and physical health. *Journal of Marriage and Family*, 75(4), 903–919. <https://doi.org/10.1111/jomf.12044>
- Cinamon, R. G., & Rich, Y. (2002). Gender differences in the importance of work and family roles: Implications for work-family conflict. *Sex Roles*, 47(11–12), 531–541. <https://doi.org/10.1023/A:1022021804846>
- Çineli, B. (2020). Money management and gender equality: An analysis of dual-earner couples in western Europe. *Family Relations*, 69(4), 803-819. <https://doi.org/10.1111/fare.12465>
- Claxton, A., O'Rourke, N., Smith, J. A. Z., & DeLongis, A. (2012). Personality traits and marital satisfaction within enduring relationships: An intra-couple discrepancy approach. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29(3), 375–396. <https://doi.org/10.1177/0265407511431183>
- Clements, R., & Swensen, C. H. (2000). Commitment to one's spouse as a predictor of marital quality among older couples. *Love, Romance, Sexual Interaction: Research Perspectives from Current Psychology*, 19(2), 183–195. <https://doi.org/10.4324/9781351309561-9>
- Cohen, S., & Wills, T. A. (1985). Stress, social support, and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98(2), 310–357. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.98.2.310>
- Cook, W. L., & Kenny, D. A. (2005). The actor-partner interdependence model: A model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development*, 29(2), 101–109. <https://doi.org/10.1080/01650250444000405>
- Corrigan, E. A., & Konrad, A. M. (2007). Gender role attitudes and careers: A longitudinal Study. *Sex Roles*, 56(11–12), 847–855. <https://doi.org/10.1007/s11199-007-9242-0>
- Coughlin, P., & Wade, J. C. (2012). Masculinity ideology, income disparity, and romantic

- relationship quality among men with higher earning female partners. *Sex Roles*, 67(5–6), 311–322. <https://doi.org/10.1007/s11199-012-0187-6>
- Craig, L., & Mullan, K. (2010). Parenthood, gender and work-family time in the United States, Australia, Italy, France, and Denmark. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1344–1361. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00769.x>
- Crespo, C., Davide, I. N., Costa, M. E., & Fletcher, G. J. O. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15(2), 191–203. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2008.00193.x>
- Cunningham, M., Beutel, A. M., Barber, J. S., & Thornton, A. (2005). Reciprocal relationships between attitudes about gender and social contexts during young adulthood. *Social Science Research*, 34(4), 862–892. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2005.03.001>
- Davis, J. L., Le, B., & Coy, A. E. (2011). Building a model of commitment to the natural environment to predict ecological behavior and willingness to sacrifice. *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 257–265. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2011.01.004>
- Davis, S. N., & Greenstein, T. N. (2009). Gender ideology: Components, predictors, and consequences. *Annual Review of Sociology*, 35, 87–105. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-070308-115920>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2020). Marital quality assessment: Reviewing the concept, instruments, and methods. *Marriage & Family Review*, 56(3), 193–216. <https://doi.org/10.1080/01494929.2020.1712300>
- Dotti Sani, G. M., & Quaranta, M. (2017). The best is yet to come? Attitudes toward gender roles among adolescents in 36 countries. *Sex Roles*, 77(1–2), 30–45. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0698-7>
- Drago, R., Black, D., & Wooden, M. (2005). Female breadwinner families: Their existence, persistence and sources. *Journal of Sociology*, 41(4), 343–362. <https://doi.org/10.1177/1440783305058465>
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in social behavior: A social-role interpretation*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (1999). The origins of sex differences in human behavior: Evolved dispositions versus social roles. *American Psychologist*, 54(6), 408–423. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.54.6.408>
- Eagly, A. H., & Wood, W. (2016). Social role theory. In P. Lange, A. Kruglanski, & E. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (Vol. 2, pp. 458–476). Sage.
- Ellison, C. G., Burdette, A. M., & Bradford Wilcox, W. (2010). The couple that prays together: Race and ethnicity, religion, and relationship quality among working-age adults. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 963–975. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00742.x>
- Erikson, E. H. (1974). *Dimensions of a new identity*. W.W. Norton.
- Fan, W., & Qian, Y. (2021). Constellations of gender ideology, earnings arrangements, and marital satisfaction: A comparison across four East Asian societies. *Asian Population Studies*. <https://doi.org/10.1080/17441730.2021.1932067>
- Farrell, D., & Rusbult, C. E. (1981). Exchange variables as predictors of job satisfaction, job commitment, and turnover: The impact of rewards, costs, alternatives, and investments. *Organizational Behavior and Human Performance*, 28(1), 78–95. [https://doi.org/10.1016/0030-5073\(81\)90016-7](https://doi.org/10.1016/0030-5073(81)90016-7)
- Fincham, F. D., & Bradbury, T. N. (1987). The assessment of marital quality: A reevaluation. *Journal of Marriage and the Family*, 49(4), 797–809. <https://doi.org/10.2307/351973>
- Finkel, E. J., Simpson, J. A., & Eastwick, P. W. (2017). The psychology of close relationships: Fourteen core principles. *Annual Review of Psychology*, 68, 383–411. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010416-044038>

- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(3), 340–354. <https://doi.org/10.1177/0146167200265007>
- Gettings, P. E., & Wilson, S. R. (2014). Examining commitment and relational maintenance in formal youth mentoring relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(8), 1089–1115. <https://doi.org/10.1177/0265407514522145>
- Givertz, M., Segrin, C., & Woszidlo, A. (2016). Direct and indirect effects of commitment on interdependence and satisfaction in married couples. *Journal of Family Psychology*, 30(2), 214–220. <https://doi.org/10.1037/fam0000174>
- Glenn, N. D. (1990). Quantitative research on marital quality in the 1980s: A critical review. *Journal of Marriage and the Family*, 52(4), 818–831. <https://doi.org/10.2307/353304>
- Goldscheider, F., Bernhardt, E., & Lappegård, T. (2015). The gender revolution: A framework for understanding changing family and demographic behavior. *Population and development review*, 41(2), 207–239. <https://doi.org/10.1111/j.1728-4457.2015.00045.x>
- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Review*, 10(1), 76–88. <https://doi.org/10.5465/amr.1985.4277352>
- Greenstein, T. N. (1996). Gender ideology and perceptions of the fairness of the division of household labor: Effects on marital quality. *Social Forces*, 74(3), 1029–1042. <https://doi.org/10.1093/sf/74.3.1029>
- Gutek, B. A., Searle, S., & Klepa, L. (1991). Rational versus gender role explanations for work-family conflict. *Journal of Applied Psychology*, 76(4), 560–568. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.76.4.560>
- Hakim, C. (2002). Lifestyle preferences as determinants of women's differentiated labor market careers. *Work and Occupations*, 29(4), 428–459. <https://doi.org/10.1177/0730888402029004003>
- Hardie, J. H., & Lucas, A. (2010). Economic factors and relationship quality among young couples: Comparing cohabitation and marriage. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1141–1154. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00755.x>
- Hayes, A. F. (2018). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. The Guilford Press.
- Heckert, D. A., Nowak, T. C., & Snyder, K. A. (1998). The impact of husbands' and wives' relative earnings on marital disruption. *Journal of Marriage and the Family*, 60(3), 690–703. <https://doi.org/10.2307/353538>
- Helms, H. M., Supple, A. J., Hengstebeck, N. D., Wood, C. A., & Rodriguez, Y. (2019). Marital processes linking gender role attitudes and marital satisfaction among Mexican-origin couples: Application of an actor-partner interdependence mediation model. *Family Process*, 58(1), 197–213. <https://doi.org/10.1111/famp.12338>
- Helms, H. M., Walls, J. K., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2010). Provider role attitudes, marital satisfaction, role overload, and housework: A dyadic approach. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 568–577. <https://doi.org/10.1037/a0020637>
- Hicks, M. W., & Platt, M. (1970). Marital happiness and stability: A review of the research in the sixties. *Journal of Marriage and the Family*, 32(4), 553–574. <https://doi.org/10.2307/350251>
- Holt-Lunstad, J., Birmingham, W., & Jones, B. Q. (2008). Is there something unique about marriage? The relative impact of marital status, relationship quality, and network social support on ambulatory blood pressure and mental health. *Annals of Behavioral Medicine*, 35(2), 239–244. <https://doi.org/10.1007/s12160-008-9018-y>
- Hou, Y., Jiang, F., & Wang, X. (2019). Marital commitment, communication and marital satisfaction: An analysis based on actor-partner interdependence model. *International*

- Journal of Psychology*, 54(3), 369–376. <https://doi.org/10.1002/ijop.12473>
- Huffman, A. H., Olson, K. J., O’Gara, T. C., & King, E. B. (2014). Gender role beliefs and fathers’ work-family conflict. *Journal of Managerial Psychology*, 29(7), 774–793. <https://doi.org/10.1108/JMP-11-2012-0372>
- Ickes, W. (1993). Traditional gender roles: Do they make, and then break, our relationships? *Journal of Social Issues*, 49(3), 71–85. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1993.tb01169.x>
- INE (2017). *Inquérito às despesas das famílias: 2015/2016*. Instituto Nacional de Estatística. <https://www.ine.pt/xurl/pub/277098526>
- Johnson, D. W., & Johnson, R. T. (2005). New developments in social interdependence theory. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 131(4), 285–358. <https://doi.org/10.3200/MONO.131.4.285-358>
- Jurczyk, K., Jentsch, B., Sailer, J., & Schier, M. (2019). Female-breadwinner families in Germany: New gender roles? *Journal of Family Issues*, 40(13), 1731–1754. <https://doi.org/10.1177/0192513X19843149>
- Kalmijn, M., Loeve, A., & Manting, D. (2007). Income dynamics in couples and the dissolution of marriage and cohabitation. *Demography*, 44(1), 159–179. <https://doi.org/10.1353/dem.2007.0005>
- Kamp Dush, C. M., Taylor, M. G., & Kroeger, R. A. (2008). Marital happiness and psychological well-being across the life course. *Family Relations*, 57(2), 211–226. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2008.00495.x>
- Kaufman, G., & Taniguchi, H. (2006). Gender and marital happiness in later life. *Journal of Family Issues*, 27(6), 735–757. <https://doi.org/10.1177/0192513X05285293>
- Kawamichi, H., Sugawara, S. K., Hamano, Y. H., Makita, K., Matsunaga, M., Tanabe, H. C., Ogino, Y., Saito, S., & Sadato, N. (2016). Being in a romantic relationship is associated with reduced gray matter density in striatum and increased subjective happiness. *Frontiers in Psychology*, 7, 1–9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01763>
- Kelley, H. H., & Thibaut, J. W. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. John Wiley & Sons.
- Kelly, E. L., Moen, P., Oakes, J. M., Fan, W., Okechukwu, C., Davis, K. D., Hammer, L. B., Kossek, E. E., King, R. B., Hanson, G. C., Mierzwa, F., & Casper, L. M. (2014). Changing work and work-family conflict: Evidence from the work, family, and health network. *American Sociological Review*, 79(3), 485–516. <https://doi.org/10.1177/0003122414531435>
- Kenny, D. A. (2018). Reflections on the actor-partner interdependence model. *Personal Relationships*, 25(2), 160–170. <https://doi.org/10.1111/per.12240>
- Klesment, M., & Van Bavel, J. (2017). The reversal of the gender gap in education, motherhood, and women as main earners in Europe. *European Sociological Review*, 33(3), 465–481. <https://doi.org/10.1093/esr/jcw063>
- Klute, M. M., Crouter, A. C., Sayer, A. G., & McHale, S. M. (2002). Occupational self-direction, values, and egalitarian relationships: A study of dual-earner couples. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 139–151. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00139.x>
- Knight, C. R., & Brinton, M. C. (2017). One egalitarianism or several? Two decades of gender-role attitude change in Europe. *American Journal of Sociology*, 122(5), 1485–1532. <https://doi.org/10.1086/689814>
- Lamont, E. (2014). Negotiating courtship: Reconciling egalitarian ideals with traditional gender norms. *Gender and Society*, 28(2), 189–211. <https://doi.org/10.1177/0891243213503899>
- Lavee, Y., & Katz, R. (2002). Division of labor, perceived fairness, and marital quality: The effect of gender ideology. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 27–39.

<https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00027.x>

- Lawrence, E. M., Rogers, R. G., Zajacova, A., & Wadsworth, T. (2019). Marital happiness, marital status, health, and longevity. *Journal of Happiness Studies*, *20*(5), 1539–1561. <https://doi.org/10.1007/s10902-018-0009-9>
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the investment model. *Personal Relationships*, *10*(1), 37–57. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00035>
- Ledermann, T., Bodenmann, G., Rudaz, M., & Bradbury, T. N. (2010). Stress, communication, and marital quality in couples. *Family Relations*, *59*(2), 195–206. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2010.00595.x>
- Lewis, R. A., & Spanier, G. B. (1979). Theorizing about the quality and stability of marriage. In W. R. Burr, R. Hill, & I. L. Reiss (Eds.), *Contemporary theories about the family* (pp. 268–294). Free Press.
- Li, D., Browne, G. J., & Chau, P. Y. K. (2006). An empirical investigation of web site use using a commitment-based model. *Decision Sciences*, *37*(3), 427–444. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5414.2006.00133.x>
- Li, T., & Fung, H. H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, *15*(3), 246–254. <https://doi.org/10.1037/a0024694>
- Li, X., Cao, H., Curran, M. A., Fang, X., & Zhou, N. (2020). Traditional gender ideology, work family conflict, and marital quality among chinese dual-earner couples: A moderated mediation model. *Sex Roles*, *83*, 622–635. <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01125-1>
- Lund, M. (1985). The development of investment and commitment scales for predicting continuity of personal relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, *2*(1), 3–23. <https://doi.org/10.1177/0265407585021001>
- Luyckx, K., Seiffge-Krenke, I., Schwartz, S. J., Crocetti, E., & Klimstra, T. A. (2014). Identity configurations across love and work in emerging adults in romantic relationships. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *35*(3), 192–203. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2014.03.007>
- Malinen, K., Tolvanen, A., & Rönkä, A. (2012). Accentuating the positive, eliminating the negative? Relationship maintenance as a predictor of two-dimensional relationship quality. *Family Relations*, *61*(5), 784–797. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2012.00738.x>
- Masterson, C. R., & Hoobler, J. M. (2015). Care and career: A family identity-based typology of dual-earner couples. *Journal of Organizational Behavior*, *36*(1), 75–93. <https://doi.org/10.1002/job.1945>
- Mauno, S., & Kinnunen, U. (2000). The stability of job and family involvement: Applying the multi-wave, multi-variable technique to longitudinal data. *Work and Stress*, *14*(1), 51–64. <https://doi.org/10.1080/026783700417221>
- McCabe, M. P., Cummins, R. A., & Romeo, Y. (1996). Relationship status, relationship quality, and health. *Journal of Family Studies*, *2*(2), 109–120. <https://doi.org/10.5172/jfs.2.2.109>
- McPheters, J. K., & Sandberg, J. G. (2010). The relationship among couple relationship quality, physical functioning, and depression in multiple sclerosis patients and partners. *Families, Systems and Health*, *28*(1), 48–68. <https://doi.org/10.1037/a0018818>
- Miller, L. R. (2016). Definition of family. *Encyclopedia of Family Studies*, 1–7. <https://doi.org/10.1002/9781119085621.wbefs137>
- Minnotte, K. L., Minnotte, M. C., & Pedersen, D. E. (2013). Marital satisfaction among dual-earner couples: Gender ideologies and family-to-work conflict. *Family Relations*, *62*(4), 686–698. <https://doi.org/10.1111/fare.12021>

- Minnotte, K. L., Minnotte, M. C., Pedersen, D. E., Mannon, S. E., & Kiger, G. (2010). His and her perspectives: Gender ideology, work-to-family conflict, and marital satisfaction. *Sex Roles, 63*(5), 425–438. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9818-y>
- Nock, S. L. (1995). Commitment and dependency in marriage. *Journal of Marriage and the Family, 57*(2), 503–514. <https://doi.org/10.2307/353702>
- Nourani, S., Seraj, F., Shakeri, M. T., & Mokhber, N. (2019). The relationship between gender-role beliefs, household labor division and marital satisfaction in couples. *Journal of Holistic Nursing and Midwifery, 29*(1), 43–49. <https://doi.org/10.29252/HNMJ.29.1.301>
- Nurhayati, S. R., Faturochman, F., & Helmi, A. F. (2019). Marital quality: A conceptual review. *Buletin Psikologi, 27*(2), 109. <https://doi.org/10.22146/buletinpsikologi.37691>
- Odrowska, A. M., & Massar, K. (2014). Predicting guild commitment in World of Warcraft with the investment model of commitment. *Computers in Human Behavior, 34*, 235–240. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.02.005>
- Ogolsky, B. G., Dennison, R. P., & Monk, J. K. (2014). The role of couple discrepancies in cognitive and behavioral egalitarianism in marital quality. *Sex Roles, 70*(7–8), 329–342. <https://doi.org/10.1007/s11199-014-0365-9>
- Parasuraman, S., Greenhaus, J. H., & Granrose, C. S. (1992). Role stressors, social support, and well-being among two-career couples. *Journal of Organizational Behavior, 13*(4), 339–356. <https://doi.org/10.1002/job.4030130403>
- Perrone, K. M., Wright, S. L., & Jackson, Z. V. (2009). Traditional and nontraditional gender roles and work-family interface for men and women. *Journal of Career Development, 36*(1), 8–24. <https://doi.org/10.1177/0894845308327736>
- Pessin, L. (2018). Changing gender norms and marriage dynamics in the United States. *Journal of Marriage and Family, 80*(1), 25–41. <https://doi.org/10.1111/jomf.12444>
- Pieh, C., O'Rourke, T., Budimir, S., & Probst, T. (2020). Relationship quality and mental health during COVID-19 lockdown. *PloS one, 15*(9), e0238906. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238906>
- Pina, S. T. (2019). *Compromisso no trabalho e na relação amorosa: Estratégias integrativas e disruptivas de comportamento nas organizações*. [Dissertação de Mestrado]. Iscte-Instituto Universitário de Lisboa.
- Pluut, H., Ilies, R., Curşeu, P. L., & Liu, Y. (2018). Social support at work and at home: Dual-buffering effects in the work-family conflict process. *Organizational Behavior and Human Decision Processes, 146*, 1–13. <https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2018.02.001>
- Qing, S. (2020). Gender role attitudes and male-female income differences in China. *Journal of Chinese Sociology, 7*, Artigo 12. <https://doi.org/10.1186/s40711-020-00123-w>
- Rakwena, K. H. (2010). *Marital satisfaction and intimacy: Gender role attitudes and spousal support in Botswana*. [Tese de Doutoramento]. Loma Linda University.
- Ramos, V., Atalaia, S., & Cunha, V. (2016). Vida familiar e papéis de género: Atitudes sociais dos portugueses em 2014. (Research Brief 2016). OFAP - Observatório das Famílias e das Políticas de Família / ICSULisboa
- Regan, P. C., & Sprecher, S. (1995). Gender differences in the value of contributions to intimate relationships: Egalitarian relationships are not always perceived to be equitable. *Sex Roles, 33*(3–4), 221–238. <https://doi.org/10.1007/BF01544612>
- Reichelt, M., Makovi, K., & Sargsyan, A. (2021). The impact of COVID-19 on gender inequality in the labor market and gender-role attitudes. *European Societies, 23*(1), 228–245. <https://doi.org/10.1080/14616696.2020.1823010>
- Roberson, P. N. E., Norona, J. C., Lenger, K. A., & Olmstead, S. B. (2018). How do relationship stability and quality affect wellbeing?: Romantic relationship trajectories, depressive symptoms, and life satisfaction across 30 years. *Journal of Child and Family Studies, 27*(7), 2171–2184. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1052-1>

- Robinson, M. D., Persich, M. R., Sjoblom-Schmidt, S., & Penzel, I. B. (2020). Love stories: How language use patterns vary by relationship quality. *Discourse Processes*, 57(1), 81–98. <https://doi.org/10.1080/0163853X.2019.1627158>
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2013). The Investment Model Scale (IMS): Further studies on construct validation and development of a shorter version (IMS-S). *Journal of General Psychology*, 140(1), 16–28. <https://doi.org/10.1080/00221309.2012.710276>
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Manuel De Oliveira, J. (2011). O modelo do investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais. *In-Mind Português*, 2(2), 1–11.
- Rogers, S. J. (2004). Dollars, dependency, and divorce: Four perspectives on the role of wives' income. *Journal of Marriage and Family*, 66(1), 59–74. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2004.00005.x>
- Rogers, S. J., & Amato, P. R. (2000). Have changes in gender relations affected marital quality? *Social Forces*, 79(2), 731–753. <https://doi.org/10.1093/sf/79.2.731>
- Rogers, Stacy J., & May, D. C. (2003). Spillover between marital quality and job satisfaction: Long-term patterns and gender differences. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 482–495. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00482.x>
- Rotter, J. B. (1980). Interpersonal trust, trustworthiness, and gullibility. *American Psychologist*, 35(1), 1–7. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.35.1.1>
- Rubin, Z. (1973). *Liking and loving: An invitation to social psychology*. Holt, Rinehart & Winston.
- Rucker, D. D., Preacher, K. J., Tormala, Z. L., & Petty, R. E. (2011). Mediation analysis in social psychology: Current practices and new recommendations. *Social and personality psychology compass*, 5(6), 359–371. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2011.00355.x>
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(80\)90007-4](https://doi.org/10.1016/0022-1031(80)90007-4)
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101–117. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.1.101>
- Rusbult, C. E., & Buunk, B. P. (1993). Commitment processes in close relationships: An interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10(2), 175–204. <https://doi.org/10.1177/026540759301000202>
- Rusbult, C. E., & Farrell, D. (1983). A longitudinal test of the investment model: The impact on job satisfaction, job commitment, and turnover of variations in rewards, costs, alternatives, and investments. *Journal of Applied Psychology*, 68(3), 429–438. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.68.3.429>
- Rusbult, C. E., Coolsen, M. K., Kirchner, J. L., & Clarke, J. A. (2006). Commitment. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 615–635). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/cbo9780511606632>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357–387. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x>
- Sagnier, L., & Morell, A. (2019). *As mulheres em Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e como se sentem*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Schmidt, G. W., & Stein, G. L. (1991). Sport commitment: A model integrating enjoyment, dropout, and burnout. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 13(3), 254–265. <https://doi.org/10.1123/jsep.13.3.254>
- Shang, Q., Liu, W. H., & Yin, Y. (2018). The impact of within-household relative income on

- happiness: Does gender identity matter? *Journal of Research in Gender Studies*, 8(2), 52–60. <https://doi.org/10.22381/JRGS8220183>
- Sharabi, L. L., & Timmermans, E. (2020). Why settle when there are plenty of fish in the sea? Rusbult's investment model applied to online dating. *New Media and Society*. <https://doi.org/10.1177/1461444820937660>
- Shek, D. T. L. (1995). Marital quality and psychological well-being of married adults in a chinese context. *The Journal of Genetic Psychology*, 156(1), 45–56. <https://doi.org/10.1080/00221325.1995.9914805>
- Spanier, G. B., & Lewis, R. A. (1980). Marital quality: A review of the seventies. *Journal of Marriage and the Family*, 42(4), 825–839. <https://doi.org/10.2307/351827>
- Stanik, C. E., & Bryant, C. M. (2012). Marital quality of newlywed african american couples: Implications of egalitarian gender role dynamics. *Sex Roles*, 66(3–4), 256–267. <https://doi.org/10.1007/s11199-012-0117-7>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>
- Stertz, A. M., Grether, T., & Wiese, B. S. (2017). Gender-role attitudes and parental work decisions after childbirth: A longitudinal dyadic perspective with dual-earner couples. *Journal of Vocational Behavior*, 101, 104–118. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jvb.2017.05.005>
- Stickney, L. T., & Konrad, A. M. (2007). Gender-role attitudes and earnings: A multinational study of married women and men. *Sex Roles*, 57(11–12), 801–811. <https://doi.org/10.1007/s11199-007-9311-4>
- Syrda, J. (2020). Spousal relative income and male psychological distress. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 46(6), 976–992. <https://doi.org/10.1177/0146167219883611>
- Taniguchi, H., & Kaufman, G. (2014). Gender role attitudes, troubles talk, and marital satisfaction in Japan. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(7), 975–994. <https://doi.org/10.1177/0265407513516559>
- Tavakol, Z., Nasrabadi, A. N., Behboodi, Z., M., Salehiniya, H., Rezaei, E., & Moghadam, Z. B. (2017). A review of the factors associated with marital satisfaction. *Galen Medical Journal*, 6(3), 197–207. <https://doi.org/10.22086/gmj.v0i0.641>
- Terman, L. M., Bittenwieser, P., Ferguson, L. W., Johnson, W. B., & Wilson, D. P. (1938). *Psychological factors in marital happiness*. McGraw-Hill.
- Thébaud, S., & Halcomb, L. (2019). One step forward? Advances and setbacks on the path toward gender equality in families and work. *Sociology Compass*, 13(6), 1–15. <https://doi.org/10.1111/soc4.12700>
- Tran, P., Judge, M., & Kashima, Y. (2019). Commitment in relationships: An updated meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 26(1), 158–180. <https://doi.org/10.1111/per.12268>
- Vannoy, D., & Philliber, W. W. (1992). Wife's employment and quality of marriage. *Journal of Marriage and the Family*, 54(2), 387–398. <https://doi.org/10.2307/353070>
- Vanyperen, N. W., & Buunk, B. P. (1991). Sex-Role attitudes, social comparison, and satisfaction with relationships. *Social Psychology Quarterly*, 54(2), 169–180. <https://doi.org/10.2307/2786934>
- Voydanoff, P. (2005). Work demands and work-to-family and family-to-work conflict: Direct and indirect relationships. *Journal of Family Issues*, 26(6), 707–726. <https://doi.org/10.1177/0192513X05277516>
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., Rosa, R. (2016). Livro branco: Homens e igualdade de género em Portugal. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais / Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego
- West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing gender. *Gender & society*, 1(2), 125–151.

- Wieselquist, J., Rusbult, C. E., Foster, C. A., & Agnew, C. R. (1999). Commitment, pro-relationship behavior, and trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(5), 942–966. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.5.942>
- Wilcox, W. B., & Nock, S. L. (2006). What's love got to do with it? Equality, equity, commitment and women's marital quality. *Social Forces*, 84(3), 1321–1345. <https://doi.org/10.1353/sof.2006.0076>
- Winkler, A. E. (1998). Earnings of husbands and wives in dual-earner families. *Monthly Labor Review*, 121(4), 42–48. <https://link.gale.com/apps/doc/A20916755/AONE?u=anon~afee86e4&sid=googleScholar&xid=69b9355d>
- Xu, X., & Lai, S. C. (2004). Gender ideologies, marital roles, and marital quality in Taiwan. *Journal of Family Issues*, 25(3), 318–355. <https://doi.org/10.1177/0192513X03257709>
- Yoo, J. (2021). Gender role ideology, work–family conflict, family–work conflict, and marital satisfaction among Korean dual-earner couples. *Journal of Family Issues*, 0(0), 1–16. <https://doi.org/10.1177/0192513X211026966>
- Zhang, H. (2015). Wives' relative income and marital quality in urban China: Gender role attitudes as a moderator. *Journal of Comparative Family Studies*, 46(2), 203–220. <https://doi.org/10.3138/jcfs.46.2.203>
- Zhang, H., & Tsang, S. K. M. (2012). Wives' relative income and marital quality in urban China: The role of perceived equity. *Social Justice Research*, 25(4), 406–420. <https://doi.org/10.1007/s11211-012-0166-7>
- Zhang, H., & Tsang, S. K. M. (2013). Relative income and marital happiness among urban Chinese women: The moderating role of personal commitment. *Journal of Happiness Studies*, 14(5), 1575–1584. <https://doi.org/10.1007/s10902-012-9396-5>

Anexos

Anexo A – Questionário

No presente estudo, estamos interessados em obter informações sobre a forma como vê o seu trabalho e como se relaciona com o/a seu/sua parceiro/a. Pedimos-lhe que leia com atenção todas as questões que lhe colocamos e que nos responda de forma sincera. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas.

De acordo com as normas da Comissão Nacional de Proteção de Dados, as suas respostas serão anónimas e a publicação dos dados que decorram deste estudo poderá ocorrer apenas em revistas científicas da especialidade.

A sua participação é muito importante porque vai permitir que os investigadores compreendam melhor a forma como se posiciona perante diferentes questões importantes da nossa vida. Este questionário tem uma duração média de 15 minutos.

A sua participação é voluntária e as suas respostas serão anónimas. Caso decida terminar a sua participação antes de concluir o questionário, basta fechar a janela do seu browser e as suas respostas não serão gravadas.

Antes de iniciar, confirme a seguinte informação:

1. Estou consciente de que a minha participação é voluntária e posso interromper em qualquer momento, simplesmente fechando a página;
2. As minhas respostas serão anónimas e ninguém poderá aceder à minha identidade;
3. As minhas respostas serão utilizadas exclusivamente para investigação e cedidas apenas pelos investigadores envolvidos no projeto;
4. Sou maior de idade.

Concordo em participar

Não concordo em participar

Para começar, gostaríamos de lhe colocar algumas questões que nos permitem caracterizá-lo/a melhor.

Qual é o seu sexo?

Feminino

Masculino

Transexual

Qual a sua orientação sexual (Se escolher a opção "Outra", por favor especifique qual)?

- Homem Homossexual/Gay
- Mulher Homossexual/Lésbica
- Homem Bissexual
- Mulher Bissexual
- Homem Heterossexual
- Mulher Heterossexual
- Outra. Qual? _____

Que idade tem? _____

Quais são as suas habilitações escolares? Por favor assinale o grau mais elevado que completou ou frequentou.

- Ensino primário ou 1º Ciclo
- Ensino preparatório ou 2º Ciclo
- Ensino unificado ou 3º Ciclo
- Ensino secundário
- Bacharelato/Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outro

Diga-nos, agora, qual é o seu estado civil.

- Solteiro/a sem relação
- Solteiro/a numa relação
- Solteiro/a em união de facto
- Casado/a
- Viúvo/a
- Divorciado/a

Qual a duração da sua relação? (por favor especifique "xx anos e xx meses")

Vive com o/a seu/sua companheiro/a?

- Sim
- Não

Se vive com o/a seu/sua companheiro/a, diga-nos agora:

- Vivo com o/a meu/minha companheiro/a esporadicamente
- Vivo com o/a meu/minha companheiro/a permanentemente

Tem filhos?

- Sim
- Não

Qual é a sua situação laboral?

- Emprego permanente
- Emprego temporário
- Trabalhador/a Estudante
- Estudante
- Desempregado/a
- Reformado/a
- Doméstico/a

Qual o seu nível de rendimento mensal?

- < = 580€
- 581-999€
- 1000-1999€
- 2000-4999€
- = > 5000€

Em qual das seguintes categorias está incluída a sua profissão? (pode escolher mais do que uma opção. Se escolher a opção "Outra", por favor especifique qual)

- Profissional das Forças Armadas
- Representante do poder legislativo e dos órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos
- Especialistas das atividades intelectuais e científicas
- Técnicos/as e profissões de nível intermédio
- Pessoal administrativo
- Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores
- Agricultores/as e trabalhadores/as qualificados/as da agricultura, pesca e da floresta
- Trabalhadores/as qualificados/as da indústria, construção e artífices
- Operadores/as de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem
- Trabalhadores/as não qualificados/as
- Outro/a. Qual? _____

Há quanto tempo trabalha na sua empresa/organização? (por favor especifique, se puder, anos e meses)

O/A seu/sua companheiro/a atual trabalha na mesma empresa ou instituição na qual se encontra empregado/a?

- Sim
- Não

Qual a situação do/da seu/sua companheiro/a na empresa ou instituição na qual se encontra empregado? (pode escolher várias alternativas de resposta)

- Trabalha num departamento diferente do meu
- Trabalha no mesmo departamento em que eu trabalho
- Trabalha no mesmo local físico em que eu trabalho

Trabalha num local físico diferente do meu
Possui um regime contratual semelhante ao meu
Possui um regime contratual diferente do meu
É o meu/minha chefe
É meu/minha subordinado/a

Entre si e o seu/sua companheiro(a), quem teve maior rendimento em 2020?

Eu tive maior rendimento
O/A meu/minha companheiro(a) teve maior rendimento
O nosso rendimento foi, aproximadamente, o mesmo

Como caracteriza essa diferença no rendimento?

Pequena
Moderada
Substancial
Tremenda

Em que medida essa diferença no rendimento é significativa para si?

Nada significativa
Um pouco significativa
Significativa
Muito significativa

Em que medida essa igualdade de rendimentos é significativa para si?

Nada significativa
Um pouco significativa
Significativa
Muito significativa

Indique a sua nacionalidade

E qual a sua área habitual de residência?

Norte
Centro
Sul
Área Metropolitana de Lisboa
Área Metropolitana do Porto
Arquipélago dos Açores ou Madeira
Estrangeiro

Pense no seu trabalho atual e responda, por favor, às questões que se seguem.

Tomando tudo em consideração, em que medida considera que existem aspetos positivos que pode associar ao seu trabalho?

	1	2	3	4	5	6	7	
Não existem aspetos positivos								Existem muitos aspetos positivos

De uma forma geral, em que medida considera que o seu trabalho é recompensador?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada recompensador								Muito recompensador

O seu trabalho possui mais, ou menos, aspetos positivos do que o trabalho da maioria das pessoas que conhece?

	1	2	3	4	5	6	7	
Possui menos aspetos positivos								Possui mais aspetos positivos

Tomando tudo em consideração, em que medida considera que existem aspetos negativos que pode associar ao seu trabalho?

	1	2	3	4	5	6	7	
Não existem aspetos negativos								Existem muitos aspetos negativos

De uma forma geral, em que medida considera que o seu trabalho está associado a custos e dificuldades?

	1	2	3	4	5	6	7	
Não está associado a custos e dificuldades								Está associado a muitos custos e dificuldades

O seu trabalho possui mais, ou menos, aspetos negativos do que o trabalho da maioria das pessoas que conhece?

	1	2	3	4	5	6	7	
Possui menos aspetos negativos								Possui mais aspetos negativos

Gostaríamos agora que pensasse em eventuais alternativas ao seu trabalho atual. Com “alternativas” pretendemos dizer eventuais propostas de emprego que possa estar a considerar e que o levariam a deixar o seu trabalho atual. Se não possui este tipo de alternativas neste

Como compara o investimento que faz no seu trabalho com o investimento que a maioria das pessoas que conhece fazem no trabalho delas?

	1	2	3	4	5	6	7	
Acho que investi menos do que a maioria das pessoas								Acho que investi mais do que a maioria das pessoas

Vamos agora colocar-lhe algumas questões acerca da forma como se encontra satisfeito com o seu trabalho. Por favor responda às questões que lhe colocamos de seguida.

Tomando tudo em consideração, em que medida se encontra satisfeito com o seu trabalho atual?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada satisfeito								Muito satisfeito

De uma forma geral, em que medida gosta do seu trabalho atual?

	1	2	3	4	5	6	7	
Não gosto nada								Gosto muito

Sabendo o que sabe hoje, se tivesse de decidir quanto a aceitar o trabalho que tem neste momento, o que decidiria?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nunca ficaria com este trabalho								Ficaria com este trabalho sem hesitar

Se um(a) amigo(a) seu lhe dissesse que estaria interessado em empregar-se num trabalho semelhante ao seu, na mesma instituição ou empresa, o que lhe diria?

	1	2	3	4	5	6	7	
Diria para procurar outro sítio para se empregar								Diria para se empregar na minha instituição ou empresa

Em que medida o seu trabalho atual se compara ao trabalho que idealmente gostaria de ter?

	1	2	3	4	5	6	7	
Está longe de ser o trabalho que idealmente gostaria de ter								Está muito próximo de ser o trabalho que idealmente gostaria de ter

Em que medida o seu trabalho atual cumpre as expectativas do trabalho que desejava quando o aceitou?

	1	2	3	4	5	6	7	
Não é nada o tipo de trabalho que desejava								É totalmente o tipo de trabalho que desejava

De seguida, dê-nos a sua resposta relativamente às questões que lhe colocamos.

Por quanto tempo deseja ficar neste seu trabalho atual?

	1	2	3	4	5	6	7	
Por um período curto de tempo								Por um período longo de tempo

Com que probabilidade acha que vai deixar este seu trabalho atual?

	1	2	3	4	5	6	7	
Com uma baixa probabilidade								Com uma elevada probabilidade

Qual o seu grau de compromisso relativamente a este seu trabalho atual?

	1	2	3	4	5	6	7	
Um compromisso muito baixo								Um compromisso muito elevado

Em que medida se sente vinculado a este seu trabalho atual?

	1	2	3	4	5	6	7	
Não me sinto nada vinculado								Sinto-me muito vinculado

Pense no seu relacionamento amoroso atual e no/na seu/sua parceiro/a, e responda às questões que se seguem de acordo com o que sente. Se não tiver nenhuma relação amorosa atualmente, pense na sua última relação amorosa e responda às questões que lhe apresentamos.

	Discordo totalmente	2	3	4	5	6	Concordo totalmente
	1						7
Sinto-me satisfeito com o meu relacionamento							
O meu relacionamento está próximo do que eu considero ser ideal para mim							
O meu relacionamento faz-me muito feliz							
Outras pessoas com quem poderia envolver-me (que não o meu parceiro) são muito apelativas							
As alternativas ao meu relacionamento são atraentes para mim (encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho/a, etc.)							

As minhas necessidades de intimidade, companhia, etc., poderiam ser facilmente preenchidas através de um relacionamento alternativo

Eu investi tanto no meu relacionamento que acabaria por perder tudo se o relacionamento terminasse

Vários aspetos da minha vida encontram-se ligados ao meu parceiro (atividades recreativas, etc.), e eu perderia tudo isso caso o meu relacionamento terminasse

Sinto-me muito envolvido no meu relacionamento, uma vez que fiz grandes investimentos nele

Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo

Estou comprometido a manter o meu relacionamento com o meu parceiro

Desejo que o meu relacionamento dure para sempre

Estou motivado para que o meu relacionamento tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu parceiro daqui a vários anos)

Diga-nos agora, por favor, em que medida concorda ou discorda de cada uma das seguintes afirmações

	Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
As decisões mais importantes na vida da família devem ser tomadas pelo homem da casa					
É perfeitamente normal que as mulheres sejam muito ativas em clubes, política e outras atividades externas antes de os filhos crescerem					

Existem alguns trabalhos para homens e outros para mulheres, e eles/elas não deveriam fazer os trabalhos uns dos outros

A mulher não deve esperar que o seu marido a ajude com as tarefas domésticas depois de um dia duro de trabalho

Uma mãe que trabalhe consegue estabelecer com os seus filhos uma relação tão calorosa e segura como uma mãe que não trabalha

As mulheres são muito mais felizes se ficarem em casa e tomarem conta dos seus filhos

É muito melhor para todos se o homem ganhar o sustento e a mulher cuidar da casa e da família

É mais importante para a mulher ajudar na carreira do seu marido do que ter a sua própria carreira

Agora, pedimos-lhe que pense na sua relação amorosa atual de uma forma global e responda, por favor, a cada uma das questões que lhe apresentamos de seguida. Se não tiver nenhuma relação amorosa atualmente, pense na sua última relação amorosa e responda às questões que lhe apresentamos.

Em que medida está satisfeito com a sua relação?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida está contente com a sua relação?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida está feliz com a sua relação?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida está comprometido com a sua relação?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida está dedicado à sua relação?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida é leal à sua relação?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida a sua relação é íntima?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida a sua relação é próxima?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida se sente ligado ao seu/sua parceiro/a?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida confia no/na seu/sua parceiro/a?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida considera que pode contar com o/a seu/sua parceiro/a?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida considera que o/a seu/sua parceiro/a depende de si?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida a sua relação tem paixão?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida a sua relação é sensual?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida a sua relação é sexualmente intensa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida sente amor pelo seu/sua parceiro/a?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida adora o/a seu/sua parceiro/a?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Em que medida sente carinho pelo/a seu/sua parceiro/a?

	1	2	3	4	5	6	7	
Nada								Muito

Anexo B – Resultados (Modelo 59)

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.5 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
 Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 59
 Y : qualidade
 X : atitudes
 M : match_co
 W : quem_gan

Sample
 Size: 71

Coding of categorical W variable for analysis:

quem_gan	W1	W2
1.000	.000	.000
2.000	1.000	.000
3.000	.000	1.000

OUTCOME VARIABLE:

match_co

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
P	.2071	.0429	2.5682	.5825	5.0000	65.0000
	.7133					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	-.3158	.5251	-.6014	.5497	-1.3646	.7330
atitudes	.3835	1.2554	.3055	.7610	-2.1236	2.8907
W1	.5163	.6778	.7617	.4490	-.8374	1.8700
W2	.3967	.5788	.6854	.4956	-.7593	1.5527
Int_1	-.3528	1.4500	-.2433	.8085	-3.2486	2.5431
Int_2	-.7674	1.2867	-.5964	.5530	-3.3372	1.8024

Product terms key:

Int_1 : atitudes x W1
 Int_2 : atitudes x W2

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	.0087	.2963	2.0000	65.0000	.7446

Focal predict: atitudes (X)
 Mod var: quem_gan (W)

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:
 Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

DATA LIST FREE/

atitudes quem_gan match_co .

```

BEGIN DATA.
  -.5869    1.0000    -.5409
   .0000    1.0000    -.3158
   .7564    1.0000    -.0257
  -.5869    2.0000    .1824
   .0000    2.0000    .2005
   .7564    2.0000    .2238
  -.5869    3.0000    .3062
   .0000    3.0000    .0809
   .7564    3.0000    -.2095

```

END DATA.

```

GRAPH/SCATTERPLOT=
  atitudes WITH      match_co BY      quem_gan .

```

OUTCOME VARIABLE:
 qualidade

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	.5609	.3146	.4783	3.5573	8.0000	62.0000
	.0019					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	6.6519	.2297	28.9586	.0000	6.1927	7.1111
atitudes	.2902	.5436	.5338	.5954	-.7966	1.3769
match_co	.2787	.1188	2.3461	.0222	.0412	.5161
W1	-.4875	.2964	-1.6447	.1051	-1.0801	.1050
W2	-.3748	.2526	-1.4835	.1430	-.8798	.1302
Int_1	-.4759	.6274	-.7585	.4510	-1.7300	.7783
Int_2	-.6787	.5577	-1.2170	.2282	-1.7936	.4361
Int_3	-.4389	.1914	-2.2927	.0253	-.8215	-.0562
Int_4	-.1219	.1356	-.8993	.3720	-.3930	.1491

Product terms key:

```

Int_1   :      atitudes x      W1
Int_2   :      atitudes x      W2
Int_3   :      match_co x      W1
Int_4   :      match_co x      W2

```

Test(s) of X by M interaction:

	F	df1	df2	p
	.6010	1.0000	61.0000	.4412

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	.0192	.8673	2.0000	62.0000	.4251
M*W	.0600	2.7135	2.0000	62.0000	.0742

```

-----
  Focal predict: atitudes (X)
  Mod var: quem_gan (W)

```

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:
 Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

DATA LIST FREE/

```

  atitudes quem_gan qualidade .
BEGIN DATA.
  -.5869    1.0000    6.4816

```



```

.0000    1.0000    6.6519
.7564    1.0000    6.8714
-.5869    2.0000    6.2734
.0000    2.0000    6.1644
.7564    2.0000    6.0239
-.5869    3.0000    6.5051
.0000    3.0000    6.2771
.7564    3.0000    5.9832

```

END DATA.

GRAPH/SCATTERPLOT=

atitudes WITH qualidade BY quem_gan .

Focal predict: match_co (M)
Mod var: quem_gan (W)

Conditional effects of the focal predictor at values of the moderator(s):

quem_gan	Effect	se	t	p	LLCI
ULCI					
1.0000	.2787	.1188	2.3461	.0222	.0412
.5161					
2.0000	-.1602	.1501	-1.0673	.2900	-.4603
.1399					
3.0000	.1567	.0654	2.3963	.0196	.0260
.2875					

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:
Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

DATA LIST FREE/

```

match_co quem_gan qualidade .
BEGIN DATA.
-1.5785    1.0000    6.2120
.0000     1.0000    6.6519
1.5785    1.0000    7.0918
-1.5785    2.0000    6.4173
.0000     2.0000    6.1644
1.5785    2.0000    5.9115
-1.5785    3.0000    6.0297
.0000     3.0000    6.2771
1.5785    3.0000    6.5245

```

END DATA.

GRAPH/SCATTERPLOT=

match_co WITH qualidade BY quem_gan .

***** DIRECT AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Conditional direct effect(s) of X on Y:

quem_gan	Effect	se	t	p	LLCI
ULCI					
1.0000	.2902	.5436	.5338	.5954	-.7966
1.3769					
2.0000	-.1857	.3132	-.5929	.5554	-.8117
.4403					
3.0000	-.3885	.1244	-3.1235	.0027	-.6372
.1399					

Conditional indirect effects of X on Y:

INDIRECT EFFECT:

atitudes -> match_co -> qualidade

quem_gan	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
1.0000	.1069	.9385	-.7212	2.2818
2.0000	-.0049	.2739	-.5096	.3437
3.0000	-.0602	.0418	-.1483	.0119

Index of moderated mediation (difference between conditional indirect effects):

	Index	BootSE	BootLLCI	BootULCI
W1	-.1118	.9768	-2.3399	.7842
W2	-.1670	.9398	-2.3374	.6702

Pairwise contrasts between conditional indirect effects (Effect1 minus Effect2)

Effect1	Effect2	Contrast	BootSE	BootLLCI	BootULCI
-.0049	.1069	-.1118	.9768	-2.3399	.7842
-.0602	.1069	-.1670	.9398	-2.3374	.6702
-.0602	-.0049	-.0552	.2777	-.4008	.4760

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95.0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:
5000

NOTE: The following variables were mean centered prior to analysis:
atitudes match_co

NOTE: Due to estimation problems, some bootstrap samples had to be replaced.

The number of times this happened was:
6

WARNING: Variables names longer than eight characters can produce incorrect output when some variables in the data file have the same first eight characters. Shorter variable names are recommended. By using this output, you are accepting all risk and consequences of interpreting or reporting results that may be incorrect.

----- END MATRIX -----